

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
Universidade Presbiteriana Mackenzie
Mestrado em Letras

HOMERO SCHWAMMLEIN DAS CHAGAS

DOMÍNIO DISCURSIVO E DOUTRINAS RELIGIOSAS EM TRADUÇÕES DA
BÍBLIA PARA A LÍNGUA PORTUGUESA: MAPEAMENTO LINGUÍSTICO-
DISCURSIVO NO LIVRO DE LUCAS (NOVO TESTAMENTO).

São Paulo
2010

HOMERO SCHWAMMLEIN DAS CHAGAS

DOMÍNIO DISCURSIVO E DOCTRINAS RELIGIOSAS EM TRADUÇÕES DA
BÍBLIA PARA A LÍNGUA PORTUGUESA: MAPEAMENTO LINGUÍSTICO-
DISCURSIVO NO LIVRO DE LUCAS (NOVO TESTAMENTO).

Dissertação apresentada à
Universidade Presbiteriana Mackenzie
como requisito parcial para a obtenção
do título de Mestre em Letras em
Letras.

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Elisa Guimarães Pinto

São Paulo
2010

C433d Chagas, Homero Schwammlein das.

Domínio discursivo e doutrinas religiosas em traduções da Bíblia para a Língua Portuguesa: mapeamento linguístico-discursivo no livro de Lucas (Novo Testamento). / Homero Schwammlein das Chagas. -- 2010.

78 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

Bibliografia: f. 75-77.

Orientador: Elisa Guimarães Pinto

1. Tradução. 2. Bíblia. 3. Análise do discurso. I. Título.

CDD 418.02

HOMERO SCHWAMMLEIN DAS CHAGAS

**DOMÍNIO DISCURSIVO E DOCTRINAS RELIGIOSAS EM TRADUÇÕES DA
BÍBLIA PARA A LÍNGUA PORTUGUESA: MAPEAMENTO LINGUÍSTICO-
DISCURSIVO NO LIVRO DE LUCAS (NOVO TESTAMENTO).**

Dissertação apresentada à
Universidade Presbiteriana Mackenzie
como requisito parcial para a obtenção
do título de Mestre em Letras em
Letras.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Elisa Guimarães Pinto
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof^a. Dr^a. Dina Maria M. Andrea M. Ferreira
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof^a. Dr^a. Zilda Gaspar Oliveira de Aquino
Universidade de São Paulo

A Deus, que me tirou de um lamaçal e me trouxe para Sua maravilhosa luz, concedendo-me a graça de viver abundantemente seguindo Sua vontade perfeita.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que é a Fonte de toda sabedoria e conhecimento.

À Universidade Presbiteriana Mackenzie, que desde 2000, quando eu estudava no Colégio Presbiteriano Mackenzie, tem me concedido 100% de bolsa de estudos. Devo a minha vida escolar e acadêmica a essa “casa de profetas”. Agradeço a Deus todos os dias por estudar em um lugar tão precioso e querido para mim.

A CAPES, que investiu em minha vida, não somente pagando por meus estudos no mestrado, mas que também me assalariou durante os dois anos de curso, do contrário, eu não conseguiria ter concretizado mais esse sonho em minha vida.

À minha família (Homero, Sonia e Bruna), sempre amarei a cada um destes preciosos tesouros que Deus me deu.

À minha esposa, Débora, que é tudo o que sempre sonhei e pedi a Deus.

As minhas fiéis e amáveis amigas de turma de graduação, Deus não podia ter me dado melhores companheiras do que estas, foi um prazer imenso estudar com elas.

A Prof^ª. Dr^ª. Olga Coelho, que sempre me incentivou e me abriu portas imprescindíveis para que eu pudesse desenvolver meu potencial acadêmico.

Ao Prof. Dr. Ronaldo Martins, orientador deste trabalho quando ele era apenas um embrião em meus estudos de graduação, foi com muita estima e admiração que o havia convidado para ser meu orientador e com muito esforço e dedicação havíamos realizado a nossa pesquisa.

Ao Prof. Dr. Paulo Benício e todos meus companheiros do grupo Mackpesquisa de tradução da Bíblia. Eles foram excelentes ouvintes e estimuladores de idéias e

teorias acadêmicas. Grande parte de meu desenvolvimento surgiu no meio deles.

A Prof^a. Dr^a. Elisa Guimarães Pinto, que me ajudou e me incentivou de uma maneira muito especial a entrar no Mestrado em Letras do Mackenzie. Não poderia ter tido melhor orientadora para minha dissertação. Não tenho dúvidas de que sem as sábias palavras dessa professora preciosa, não teria feito boa parte de minhas pesquisas.

A todas as pessoas cujo nome não citei, um quebra-cabeça é montado com diversas pequenas partes, mas todas têm um grande valor para o todo. Que Deus abençoe a cada um de vocês.

Não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido (Pêcheux).

RESUMO

Considerando o fato de que toda manifestação de linguagem leva consigo uma ideologia, este trabalho tenta capturar marcas ideológicas em traduções da Bíblia e demonstrar como elas se constroem. Há, atualmente, um grande avanço nos estudos desse livro sagrado. Portanto, é também de nosso interesse discutir 'como' essas manifestações ideológicas ocorreram nesse texto. A Bíblia é um texto considerado sagrado e investigar suas traduções é um assunto delicado e primordial. Utilizamos, para isso, a teoria de tradução de Nida e a concepção mais corrente no Brasil da Análise do Discurso (ligada principalmente a Fiorin e Brandão), mas é importante salientar que a reflexão partiu do texto e não da teoria, portanto, apenas utilizamos os pressupostos das teorias para embasar nossa análise. O trabalho iniciou-se com um levantamento bibliográfico pertinente à proposta e, após isso, selecionamos trechos do Evangelho de Lucas do Novo Testamento de duas traduções diferentes para a língua portuguesa (a Bíblia de Jerusalém e a Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida) que continham características que remetiam às doutrinas das respectivas comunidades religiosas que fizeram a tradução. O *corpus* do presente trabalho foi escolhido por sua riqueza de conteúdo e valor histórico e por descrever Jesus detalhadamente. Depois do levantamento, fizemos um mapeamento das escolhas lexicais, estruturas morfossintáticas, omissões, acréscimos, comentários e notas de rodapé. Após realizarmos uma análise de todo o material colhido, pudemos identificar o processo pelo qual a ideologia dos grupos se manifesta nas respectivas traduções, por exemplo, o uso de termos latinos ou não, os termos e comentários relacionados aos posicionamentos teológicos sobre o fato de Maria ter tido ou não filhos, a questão da Ceia/Eucaristia, as influências de bulas papais, a doutrina da penitência/arrependimento, entre outras. Elas estão realçadas muito mais nos comentários e nas escolhas lexicais.

Palavras-chave: Tradução; Bíblia; Análise do Discurso.

ABSTRACT

Considering the fact that all language manifestation comprises some ideology, this scientific article aims to capture these ideological marks biblical translations. There is, nowadays, a huge advance in academic discussions, published works and studies about this sacred book. Then it is our interest to discuss 'how' and 'why' these ideological manifestations occurred in the text. Bible is a 'sensible' text (considered holy and sacred) and investigating its translations is a primordial and delicate issue. For that we used Nida's theory of translation and the most common conception in Brazil of Analysis of Discourse (mainly connected to Fiorin and Brandão) but it is important to emphasize that our discussion started from the text itself and not from the theory then we are just going to use our theory to base our analysis; this project began with a profound research of the respective literature related to our objectives, and after that we selected passages from the Evangel of Luke of the New Testament, using two different translations for Portuguese language ("Bíblia de Jerusalém" equivalent to the American "Jerusalem Bible" – Catholic Bible - and "Revista e Atualizada de Ferreira de Almeida" – Protestant Bible). The passages we chose were selected because they had characteristics that led us to some doctrines of the respective churches communities that paid for the translation. The *corpus* of this article was selected because of his richness about the content and also for his historical value and at last because it describes Jesus with many details. Then we mapped all semantics solutions, morph syntactic structures, omissions, increases, commentaries and foot notes. Finally, we analyzed all the material achieved and conclude the following: in fact, there are ideological interferences in the respective translations, and we can see this clearly in commentaries and semantics choices. For example, the use of Latin terms or not, words and comments related to the theological positions about Mary having or not children after Jesus, the problem between the difference of the Great Supper and Eucharist, the influence of some pope declarations, the doctrine of regret/penitence etc.

Keywords: Translation, Bible, Discourse Analysis.

LISTA DE ABREVIATURAS

AD	Análise de Discurso
BJ	Bíblia de Jerusalém
BLH	Bíblia na Linguagem de Hoje
NTLH	Nova Tradução na Linguagem dos dias de Hoje
NVI	Nova Versão Internacional
pg.	Página
RA	Revista e Atualizada
TO	Texto Origem
TT	Texto Traduzido
vv.	Versículo

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	11
1	CONHECENDO AS ESCRITURAS.....	24
1.1	Novo Testamento.....	27
1.2	Evangelhos.....	29
1.3	Evangelho de Lucas.....	30
2	CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS.....	34
2.1	Análise do Discurso.....	34
2.2	Teoria de tradução	34
2.3	História da tradução da Bíblia.....	42
2.4	Teoria de tradução bíblica.....	44
2.5	Equivalência Formal vs Equivalência Dinâmica.....	49
3	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	52
3.1	Conciliando as teorias	56
3.2	Contrapondo as traduções bíblicas.....	60
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	75

INTRODUÇÃO

Nosso intuito é delimitar, com essa pesquisa, o alcance da manifestação das doutrinas no texto traduzido da Bíblia. Ao fazer uma análise comparativa de duas versões sob a perspectiva da Análise de Discurso (AD) e das teorias de tradução relacionadas à Bíblia (mais especificamente a teoria de Nida), iremos também identificar “como” e o “quanto” a reprodução da ‘formação ideológica’ de diferentes grupos religiosos afeta as traduções que fazem ou utilizam.

É importante salientar aqui que o ponto de partida é o texto. Utilizaremos alguns dos pressupostos da Análise do Discurso e da teoria da tradução bíblica apenas para trabalhar com os objetos identificados como marcas da ideologia dos grupos.

Sendo assim, a pesquisa se dará através do levantamento do léxico relacionado ao discurso. Considerando o nosso *corpus*, as marcas que procuramos podem ser encontradas em diferentes domínios, por exemplo: nas escolhas lexicais, estruturas morfossintáticas, omissões, acréscimos, presença/ausência de comentários e introduções, notas de rodapé, natureza dos comentários e notas da equipe de tradução.

Os manuscritos bíblicos não foram escritos com títulos dividindo cada seção, mas durante o processo de tradução, as equipes inserem frases entre as diferentes seções temáticas do texto bíblico que resumem o que está sendo dito nessas partes, facilitando assim a leitura.

Assim, os títulos são uma grande fonte de posicionamentos teológicos, ou seja, nós podemos encontrar as marcas ideológicas também neles e, a partir delas, discutir o motivo delas aparecerem ali.

A metodologia a ser utilizada está baseada em um processo de análise comparativa, ou seja, selecionaremos, a partir de uma leitura acurada do *corpus* em questão, alguns trechos que serão discutidos e comprovarão ou não a tese da presente dissertação que é a de que os textos traduzidos, que são muitas vezes considerados neutros pelos seus tradutores, estão repletos de marcas ideológicas

que delineiam as respectivas comunidades religiosas que fizeram as traduções. Embora para os tradutores isso seja marcante, essa é uma discussão que vem sendo feita pelos analistas do discurso desde Benveniste.

Para realizar tal análise e discussão, utilizaremos os pressupostos da AD difundidos por Brandão (s.d, p.83). Segundo a autora, a teoria volta-se para o “exterior” linguístico, procurando apreender como no linguístico inscrevem-se as condições sócio-históricas de produção. Segundo Engler (2005, p. 516-519):

In linguistics, discourse refers most simply to a unit of analysis larger than the sentence and more generally to the set of utterances constituting a speech event. Linguistic discourse analysis developed into a bewildering variety of forms in the 1970s and 1980s. In general, these approaches relate three domains that are often kept separate: semantics (how language conveys meaning), syntax (how linguistic elements are organized), and pragmatics (how meaning relates to use in specific contexts).¹

Para isso, pretendemos usar, como material de análise, um *corpus* constituído a partir do livro de *Lucas* (Novo Testamento). Seleccionamos, inicialmente, duas das traduções mais bem conceituadas nas comunidades católica e protestante. Tanto o cristianismo católico quanto o protestante possuem séculos de história e passaram por diversos cismas ao longo da história. Por isso, para o presente estudo, utilizaremos uma linha católica tradicional, que é a da Igreja Católica Apostólica Romana e uma linha protestante também tradicional, a da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Consideraremos os posicionamentos de ambas as igrejas como representativos de todo o grupo ao qual as igrejas se filiam. Embora seja bastante delicado, atualmente, utilizar esses dois rótulos, o de comunidade religiosa católica e o de comunidade religiosa protestante, já que ambas as igrejas que aqui as representam possuem diversas ramificações (v. a esse respeito, o [site http://www.infobrasil.org/brasil/denomin.html](http://www.infobrasil.org/brasil/denomin.html)), as quais diferem em muitos

¹Tradução livre: Na linguística, discurso refere-se mais simplesmente a uma unidade de análise maior do que a sentença e, de maneira mais abrangente, a um grupo de expressões que constitui um evento discursivo. A análise linguística do discurso se desenvolveu em uma variedade confusa de formas nas décadas de 1970 e 1980. De maneira geral, essas aproximações relatam três domínios que são geralmente mantidos separados: semântica (como a língua carrega significado), sintaxe (como elementos linguísticos são organizados), e pragmática (como o significado refere-se ao uso em contextos específicos).

aspectos, é possível identificar nelas, certos traços doutrinários compartilhados, que as unem entre si e, ao mesmo tempo, as diferenciam do(s) outro(s) segmento(s) religioso(s).

Portanto, após considerarmos esses grupos, foram escolhidos para o presente trabalho, a comunidade católica e a protestante e as traduções mais comumente adotadas por elas.

É interessante notar que mesmo as traduções bíblicas existentes dentro de cada uma dessas comunidades religiosas variam com respeito à sua perspectiva teológica. Sayão (2001) diz que algumas são protestantes, mas não são evangélicas, ou seja, os tradutores dessas traduções têm um posicionamento teológico específico, porém não necessariamente relacionado a traços doutrinários julgados essenciais pelos grupos que compõem a “comunidade protestante”.

O critério de adoção dessas versões por parte das próprias comunidades está ligado ao fato de que ambas são muito eruditas e ricas em informações adicionais (explicações sobre os textos nas notas de rodapé, introduções detalhadas com vários fatos históricos relacionados aos livros, chaves-bíblicas que facilitam a busca de textos paralelos e comentários críticos).

Segundo Comfort (1998, p.326), a primeira Bíblia católica traduzida com a utilização de manuscritos nas línguas originais (hebraico, aramaico e grego coíné), e rica em comentários, foi a Bíblia de Jerusalém (publicada no Brasil em 1973 e ampliada e corrigida em 2002) – essa é, segundo o próprio Vaticano, uma Bíblia erudita e que segue os padrões tradutórios estabelecidos pelo documento *Liturgiam Authenticam*², publicado em 2001.

A tradução mais corrente e tradicional no meio protestante é a *Revista e Atualizada de Ferreira de Almeida*, que foi lançada em 1959, revisada e republicada em 1993 e mais uma vez em 1996 (esta última versão possui as notas

² www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20010507_comunicato-stampa_po.html

de estudo da Bíblia Vida Nova³ e é a versão protestante utilizada em nossa análise).

Nosso ponto de partida para a análise e reflexão será o livro de Lucas. Ele foi adotado por ser o maior dos evangelhos, o mais rico em termos de quantidade de informações acerca de Jesus que são interpretadas de maneira diferenciada em cada uma das comunidades religiosas adotadas e também devido a sua relevância histórica e teológica.

Como essa dissertação se propõe a trabalhos com conceitos relacionados com o texto, teremos que compreender alguns conceitos. Para Orlandi (2002), o próprio fato de que não há sentido sem interpretação atesta a presença da ideologia num texto. Diante de qualquer objeto simbólico, o homem é levado a interpretar, colocando-se diante da questão: o que isto quer dizer?

Por causa do grande crescimento do cristianismo no Brasil e a facilidade de acesso à Bíblia, as leituras (e interpretações) do texto religioso de que tratamos ampliaram-se grandemente, afetando, por conseguinte, o seu texto traduzido. Dada a quantidade de divergências entre os textos em português, supomos que existam traduções que tenham sido feitas enfatizando não apenas o conteúdo do suposto “texto original” (já que os manuscritos se perderam ao longo da história e o que temos hoje é uma compilação das cópias dos mesmos), mas também as doutrinas, ou seja, o posicionamento que cada um desses segmentos religiosos professa acerca dos temas bíblicos e que isso pode ocorrer intencionalmente ou não.

Para facilitar a compreensão do objetivo do presente trabalho, realizaremos, a seguir, uma pré-análise de três versículos. O *corpus* utilizado para a pré-análise também é o Novo Testamento, mas para exemplificação foram escolhidos textos da Carta aos Romanos e do livro de Atos dos Apóstolos.

³ A Bíblia Vida Nova foi produzida pela Editora Vida Nova. Ela foi a primeira Bíblia protestante em língua portuguesa com comentários que foram parcialmente confeccionados por autores brasileiros.

Tanto a tradução católica quanto a protestante foram realizadas a partir do manuscrito original chamado *The Greek New Testament*, editado e publicado pelas Sociedades Bíblicas Unidas, portanto, elas tiveram um mesmo referencial.

Para uma maior compreensão da análise realizada, veja o capítulo de análise referente ao *corpus* específico deste trabalho. Assim está escrito em⁴:

Romanos

12.1

Texto: Romanos 12.1

1 Παρακαλῶ	οὖν	ὑμᾶς,	ἀδελφοί,	διὰ τῶν	οἰκτιρμῶν	τοῦ θεοῦ	παραστήσαι	τὰ σώματα	ὑμῶν	
(PIA 1Sg)	Conj coor	(AcPI)	(NMPI),		(GMPI)		(GMSg)	(AInfIA)	(AcNPI)	(GPI 2PI)
παρακαλέω		σύ	ἀδελφός		οἰκτιρμός	θεός	παρίστημι	σῶμα	σύ	
Rogo,	portanto,	vos,	irmãos,	por meio das	misericórdias	de Deus	oferecer	os corpos	vossos	
θυσίαν	ζῶσαν	ἁγίαν	εὐάρεστον	τῷ θεῷ,	τὴν	λογικὴν	λατρείαν	ὑμῶν·		
(AcFSg)	(Prtc PA AcFSg)	adj(AcFSg)	adj(AcMSg)	(DMSg)	adj(AcFSg)	(AcFSg)	(GPI 2PI)			
θυσία	ζάω	ἅγιος	εὐάρεστος	θεός	λογικός	λατρεία	σύ			
sacrifício	que vive	santo	agradável	para Deus,	o racional	culto	vosso.			

Exorto-vos, portanto, irmãos, pelas misericórdias de Deus, a que ofereçais vossos corpos como *hóstia viva*, santa e agradável a Deus: este é o vosso culto *espiritual*. (Bíblia de Jerusalém)

Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por *sacrifício vivo*, santo e agradável a Deus, que é vosso culto *racional*. (João Ferreira de Almeida - Revista e Atualizada)

Atos 26.20

⁴ Utilizamos na pré-análise um recurso chamado tradução interlinear, colocando a palavra ou expressão portuguesa debaixo do correspondente grego, já que no momento o interesse maior não se encontra no original. A tradução segue a ordem das palavras no original grego, portanto, pode “embaralhar” os termos, já que no português existe uma rigidez maior na ordem (ao contrário do grego), as palavras foram numeradas. O texto grego adotado é o da quarta edição revisada da obra *The Greek New Testament*, publicada pelas Sociedades Bíblicas Unidas, por ser a versão mais atual do texto neotestamentário.

TRADUÇÃO

^{BNT} Atos 26:20

ἀλλὰ	τοῖς	ἐν	Δαμασκῶ	πρῶτόν	τε	καὶ	Ἱεροσολύμοις,	πάσάν	τε	τὴν	χώραν
conj	coo		s(DMSg)	adj(AcNSg)			s((DNPI)	adj(AcFSg)			s(AcFSg)
			Δαμασκός	πρῶτος			Ἱεροσόλυμα	πάς			χώρα
Mas	os	em	Damascos	primeiro	como	em	Jerusalém,	toda	e	a	região
τῆς	Ἰουδαίας	καὶ	τοῖς	ἔθνεσιν	ἀπήγγελλον	μετανοεῖν		καὶ	ἐπιστρέφειν		
	s(GFSg)		s(DNPI)	v(IIA 1Sg)	v(PIInfA)			v(PIInfA)			
	Ἰουδαία		ἔθνος	ἀπαγγέλλω	μετανοεῶ			ἐπιστρέφω			
da	Judéia	e	as	etnias	eu	anunciava	arrepender	e	converter		
ἐπὶ	τὸν	θεόν,	ἄξια	τῆς	μετανοίας	ἔργα	πράσσειντας.				
prep	s(AcMSg)		adj(AcNPI)	s(GFSg)	s(AcNPI)	prtc(PA AcMPI)					
	θεός		ἄξιος	μετάνοια	ἔργον	πράσσω					
em	o	Deus,	santo	o	arrependimento	obra	realizando				

Vocabulário:

ἀπαγγέλλω: 1. Trazer resposta. 2. Responder. 3. Anunciar. 4. Narrar. 5. Informar. 6. Ordenar, mandar.

πράσσω: 1. Penetrar, atravessar. 2. Vir à frente de algo, conseguir algo. 3. Realizar, fazer. 4. Promover, empreender.

(...) mas tenho pregado primeiro aos de Damasco, depois aos de Jerusalém e por toda a região da Judéia. Aos pagãos anunciei a *penitência* e a conversão para Deus por meio de *obras dignas de penitência*. (Bíblia de Jerusalém)

(...) mas anunciei primeiramente aos de Damasco e em Jerusalém, por toda a região da Judéia, e aos gentios, que se *arrependessem* e se convertessem a Deus, praticando *obras dignas de arrependimento*. (João Ferreira de Almeida - Revista e Atualizada)

Atos 19.27

TRADUÇÃO

BNT Atos 19:27

οὐ	μόνον	δὲ	τοῦτο	κινδυνεύει	ἡμῖν	τὸ	μέρος	εἰς	ἀπελεγμὸν	ἐλθεῖν	ἀλλὰ			
	Adv		pd(AcNSg)	v(PIA3Sg)	pp(D1Pl)		s(AcNSg)		s(AcNSg)	v(AInfA)	conj	coo		
	μόνος	οὗτος	κινδυνεύω	ἐγώ	μέρος	ἀπελεγμός	ἔρχομαι							
não	somente	porém	isto	perigo	para	nós	a	função	em	má	reputação	vir	mas	
καὶ	τὸ	τῆς	μεγάλης	θεᾶς	Ἄρτεμιδος	ἱερὸν	εἰς	οὐθέν	λογισθῆναι,	μέλλειν	τε			
	adj(GFSg)		s(GFSg)	s(GFSg)	s(AcNSg)	pi(AvNSg)	v(AInfP)		v(PInfA)		conj	coo		
	μέγας	θεά	Ἄρτεμις	ἱερός	οὐδεὶς	λογίζομαι	μέλλω							
também	o	da	grande	deusa	Artemis	templo	em	nada	seja	calculado,	acontecer			
καὶ	καθαιρέσθαι	τῆς	μεγαλειότητος	αὐτῆς	ἣν	ὅλη	ἢ	Ἄσία	καὶ	ἡ	οἰκουμένη	σέβεται.		
	v(PInfP)		s(GFSg)	pp(GF3Sg)	pr(AcfSg)	adj(NFSg)	s(NFSg)	v(NFSg)		v(PIM3Sg)				
	καθαιρέω	μεγαλειότης	αὐτός	ὅς	ὅλος	Ἄσία	οἰκουμένη	σέβω						
e	ser	destruída	da	majestade	dela	a	qual	toda	a	Ásia	e	o	mundo	reverencia

Vocabulário:

μέρος: 1. pedaço, parte, porção, 2. Elemento ou parte de um grupo, de uma população. 3. Recruta. 4. Função, papel, cargo, profissão, categoria. 4. Seita, partido.

σέβω: 1. Temer, envergonhar-se, venerar (mantém-se distante por reverência).

Daí não somente há perigo de que essa nossa corporação caia em descrédito, como também que o templo da grande *Ártemis* seja desconsiderado, e até mesmo seja despojada de sua majestade aquela que toda a Ásia e o mundo inteiro *veneram*. (Bíblia de Jerusalém)

Não somente há o perigo de a nossa profissão cair em descrédito, como também o de ser o próprio templo da grande deusa, *Diana*, ser estimado em nada, e ser mesmo destruída a majestade daquela que toda a Ásia e o mundo *adoram*. (João Ferreira de Almeida - Revista e Atualizada)

Nos três versículos comparados acima, nós pudemos observar o contraste existente entre as escolhas lexicais dos tradutores em relação a diversos termos. Esses exemplos mostram que a formação ideológica dos grupos citados e seus princípios dogmáticos se manifestaram em suas respectivas traduções da Bíblia.

Dentre todos eles, os que mais nos interessam são aqueles que diretamente remetem às doutrinas das igrejas que utilizam as traduções. Por exemplo: hóstia viva – espiritual / sacrifício vivo – racional; penitência – obras dignas de penitência/ arrependimento – obras dignas de arrependimento; Ártemis (nome romano da deusa) – veneram (termo de origem latina)/ Diana (nome grego da deusa) – adoram (termo de origem grega). Essas opções lexicais trazem à tona a necessidade existente de uma discussão sobre a influência ideológica exercida no texto traduzido.

É necessário enfatizar aqui o fato de que o ponto de partida para a presente dissertação é o texto traduzido e não a língua de saída, o discurso traduzido e seus nuances, e não o ato tradutório. A idéia é encontrar por meio das escolhas lexicais e outros aspectos do produto final o posicionamento teológico das comunidades que encomendaram e realizaram a tradução.

Vamos analisar os efeitos de sentido de um dos casos acima. Se nos voltarmos para o texto de Atos 19.27, veremos a diferença essencial lexical entre “Ártemis – veneram/ Diana – adoram”. Isso ocorre basicamente porque o primeiro texto pertence ao texto traduzido pela Igreja Católica Apostólica Romana.

Ela mantém ao máximo a cultura latina em sua produção textual e, isso se evidencia claramente nas escolhas lexicais dos tradutores, “Artemis” é o nome latino para a deusa citada no texto. Se observarmos o texto interlinear grego, o nome para a deusa é traduzido literalmente por Ártemis, mas ainda assim, o texto romano escolhe o termo latino para manter a tradição latina, por isso, vemos mais uma vez que as crenças são formadoras de doutrinas que se refletem no texto, no caso, o texto bíblico traduzido.

Da mesma maneira acontece com o termo “veneram” que tem origem latina. Foi escolhido ao invés de “reverenciar” ou “adorar” por causa da questão doutrinária. Segundo Pe. Vicente em sua publicação *Respostas da Bíblia* (1995), a Tradição tem no contexto católico tanto valor de inspiração divina quanto a própria Bíblia.

No caso do texto traduzido dos protestantes, o uso dos termos gregos reflete a doutrina *Sola Scriptura*, criada por Martinho Lutero, um monge agostiniano que iniciou a reforma protestante no século 16 e que foi amplamente divulgada por seus seguidores no século 17. Ela significa que a Tradição não tem valor divino, mas serve somente como um parâmetro histórico e que as Escrituras devem ser a única regra e conduta de vida, devendo ser mantidas ao máximo em sua essência, no caso das traduções bíblicas, isso vai gerar certa tendência a literalidade. Por isso, os termos são mantidos de certa maneira mais próximos aos vocábulos gregos, como podemos observar, “Ártemis” é nome grego da deusa referida no texto, e “adoram” é uma das possíveis interpretações literais do termo original.

A partir do que vimos acima, podemos compreender melhor a relevância da discussão do tema deste trabalho. Ela advém do fato de que o texto religioso é considerado sagrado, ou seja, em grande parte das comunidades religiosas ele é considerado uma verdade absoluta - o conceito de texto sagrado, ou “sensível” é amplamente estudado por Eliade (1996) e Campbel (2001).

Além de seu aspecto instrucional ou dogmático; a Bíblia é considerada um livro sagrado que rege o comportamento humano e desencadeia um valor sentimental por parte daquele que o sacraliza. Todavia; a maioria de seus leitores somente a acessa por meio da tradução.

Como diz Mariú (2007, p.8):

Se; por um lado; tem-se um objeto quase intocável; que não pode ser burlado ou defraudado; por outro; observa-se a tradução como uma ferramenta que ‘toca’ essa modalidade de texto e; por assim proceder; sujeita-se à total sacralização ou à total desmoralização.

É nesse impasse que esta dissertação se estabelece, pois, segundo Simms (1997), a Bíblia caracteriza-se como um texto sensível, e, ainda assim, partimos da perspectiva de que sua tradução pode provocar objeções da parte dos receptores que esperam a reprodução no texto traduzido do ‘original’ tal como fora deixado por Deus.

De fato, quando lidamos com o transcendente (a visão aqui utilizada é a de que ele é algo que ultrapassa o limite do conhecimento humano), temos que ter a plena consciência de que também lidamos com os aspectos emocionais do ser humano, com suas concepções de vida, etc., isso segundo Otto Garcia (1992: p. 14).

A partir do pressuposto de que a ideologia se manifesta em qualquer ato de linguagem, também qualquer texto que venha a ser traduzido possuirá evidências e marcas relacionadas a ela, e até mesmo os textos religiosos chamados de 'originais' (e considerados sagrados) sofrerão influência do meio sociohistórico.

Assim, o texto bíblico traduzido sofre essa influência e é um instrumento de persuasão. Sobre essa última, Citelli diz:

Persuadir é, sobretudo, a busca de adesão a uma tese, perspectiva, entendimento, conceito, etc. evidenciando a partir de um ponto de vista que deseja convencer alguém ou um auditório sobre a validade do que se enuncia. Quem persuade leva o outro a aceitar determinada idéia, valor, preceito. (2005, p.14):

Dessa maneira, a partir da discussão de como o ato da tradução se embrenha na doutrina religiosa, queremos questionar a questão da verdade do texto sagrado quando temos como ponto de partida o texto traduzido. Esse processo foi comprovado através da exposição e explanação das marcas ideológicas contidas nos textos que analisamos na presente dissertação.

Algo a ser notado é que sendo esse tipo de texto considerado "sensível", ele tenderia a ser mais neutro, mas como não há possibilidade de imparcialidade total, e toda manifestação linguística carrega uma ideologia, a Bíblia não pode ser considerada neutra.

Outro aspecto é que as teorias de tradução da Bíblia não abordam as questões discursivas que envolvem o ato tradutório e que resultam em um texto carregando de efeitos de sentido que se alinham aos posicionamentos dos tradutores. O tradutor não é neutro, ele interfere direta ou indiretamente no resultado gerando um texto ideologicamente marcado.

O objetivo deste trabalho, portanto, é explorar as relações entre esses domínios discursivos e sociais (sejam elas institucionalizadas, ou seja, a manifestação das particularidades de cada uma das comunidades religiosas, ou sejam elas tensões denominacionais causadas pela defesa direta dos dogmas e doutrinas das mesmas); e as coerções ideológicas no texto traduzido, e, por meio da análise de *corpora definidos*, desvendar os mecanismos por meio dos quais elas se manifestam. Já que:

Visões de mundo, universo de valores, concepções sobre maneiras de organizar a sociedade dariam as referências sobre as quais seria possível reconhecer as filiações ideológicas dos agentes. (CITELLI, 2005, p. 87)

A dissertação será dividida em três capítulos.

A primeira e presente parte é introdutória e tem como finalidade expor quais são os objetivos da pesquisa, a metodologia utilizada, a relevância de tal empreendimento e, principalmente, a partir do recurso de pré-análise, mostrar como se manifestam as ocorrências de marcas ideológicas dentro do texto bíblico traduzido e porque isso acontece (cf. exemplos citados no decorrer da introdução).

Como pudemos observar, as marcas podem ser claramente encontradas nas escolhas lexicais dos tradutores. Os termos se alinham às doutrinas das igrejas e delinham, assim, sua visão de mundo.

O primeiro capítulo visa apresentar as Escrituras ao leitor da presente dissertação. Como a Bíblia é o *corpus* de nossa análise, é essencial conhecê-la, tanto em seus aspectos históricos gerais quanto na especificidade do Evangelho de Lucas, que foi definido como o objeto a ser comparado em busca das características das respectivas comunidades religiosas que fizeram a tradução das versões aqui utilizadas, a *Bíblia de Jerusalém* e a *Revista e Atualizada de Ferreira de Almeida*, católica e protestante, respectivamente.

O segundo capítulo marca as considerações teóricas que embasam a análise que realizamos. Nele, nós explicitamos a teoria da Análise do Discurso e a teoria de tradução, principalmente, a vertente ligada à tradução bíblica.

É no terceiro capítulo que os resultados e discussões da pesquisa podem ser encontrados. Em primeira instância, há uma recensão, na qual são discutidos alguns aspectos das duas teorias que foram explicitadas nos capítulos anteriores, a Análise do Discurso e a teoria de tradução, e, principalmente, são apontadas sugestões para uma melhor aplicação das mesmas no campo da tradução da Bíblia.

A teoria de tradução bíblica de Eugene Nida é de grande importância para o tratamento com o texto sagrado. Entretanto, ela pode ser aprimorada e amplamente utilizada em junção com as noções da AD.

Optamos por adotar uma concepção de linguagem ligada à Análise do Discurso. Portanto, a tradução deveria refletir sobre as coerções ideológicas envolvidas no trabalho tradutório.

Por exemplo, as relações dialógicas e a noção de sujeito, quando correlacionadas e aplicadas juntamente com a teoria de Nida, demonstrarão que o tradutor nunca será neutro em suas escolhas lexicais, na utilização de seus pressupostos tradutórios, na composição de sua tradução, etc., portanto, ele deverá analisar todo seu processo tradutório para que seu produto final alcance a qualidade que é o pilar fundamental na teoria nadiana – clareza, naturalidade e exatidão.

Se o sujeito-tradutor não considerar todos os domínios ideológicos contidos em sua produção linguística, como o TT reproduzirá o equivalente natural da língua-fonte, tanto em significação quanto em estilo? É neste ponto que a conjunção das teorias de tradução com a teoria da Análise do Discurso deveria ocorrer. Deve haver uma reflexão teórica sobre o papel discursivo e ideológico do sujeito diante de qualquer tipo de texto.

Ele deve perceber e conhecer, através de análise minuciosa, tanto os mecanismos coercivos e argumentativos que ele utiliza, consciente ou não, e aqueles que se encontram também no TO.

A figura apresentada por Arrojo (1997, p.23) para solucionar esse problema é a do palimpsesto. Temos que partir de definição do texto como algo que se apaga, em cada comunidade cultural e em cada época, para dar lugar à outra escritura (ou interpretação, ou leitura, ou tradução) do mesmo texto. Essa é a posição dos tradutores, já que hoje se fala da intertextualidade e do dialogismo.

Em seguida, há a análise comparativa das duas traduções escolhidas para a presente dissertação.

Por fim, na última parte desta dissertação são feitas as considerações finais e, logo em seguida, foram registradas as referências bibliográficas.

1 CONHECENDO AS ESCRITURAS

A Bíblia é o livro mais vendido do mundo. Estima-se que foram vendidos 11 milhões de exemplares na versão integral, 12 milhões de Novos Testamentos e ainda 400 milhões de brochuras com extratos dos textos originais, sendo que desde as suas origens foi considerada sagrada e de grande importância.

Segundo Comfort (1998), o nome Bíblia vem do grego *Biblos* - nome da casca de um papiro do século XI a.C. Segundo Douglas (1995, p.216) a palavra significava 'livros' ou 'qualquer tipo de documento escrito em papiro'. Os primeiros a usarem essa palavra para designar as Escrituras Sagradas foram os discípulos do Cristo, no século II d.C.

Grego *koinê*, hebraico e aramaico foram os idiomas utilizados para escrever os originais das Escrituras Sagradas. O Antigo Testamento foi escrito em hebraico. Apenas alguns poucos textos foram escritos em aramaico. O Novo Testamento foi escrito originalmente em grego, que era a língua mais utilizada no início da era cristã, portanto, é a língua de partida das traduções utilizadas no presente trabalho.

Os "originais" da Bíblia são a base para a elaboração de uma tradução confiável das Escrituras. Porém, não existe nenhuma versão original do manuscrito da Bíblia, mas sim cópias de cópias de cópias. Todos os autógrafos, isto é, os livros originais, como foram escritos pelos seus autores, se perderam.

Comfort (1998) relata que para a tradução do Antigo Testamento toma-se como texto original a *Bíblia Stuttgartensia*, publicada pela Sociedade Bíblica Alemã. Já para o Novo Testamento é utilizado o *The Greek New Testament*, editado pelas Sociedades Bíblicas Unidas. Comfort (1998) declara que essas são as melhores edições dos textos hebraicos e gregos que existem hoje, disponíveis para tradutores.

Estima-se que a primeira tradução completa do texto sagrado foi elaborada entre 200 a 300 anos antes de Cristo. Como os judeus que viviam no Egito não compreendiam a língua hebraica, o Antigo Testamento foi traduzido para o grego.

Porém, não eram apenas os judeus que viviam no estrangeiro que tinham dificuldade de ler o original em hebraico: com o cativo da Babilônia, os judeus da Palestina também já não falavam mais o hebraico.

Elwell informa que ela era denominada Septuaginta (ou Tradução dos Setenta), esta primeira tradução foi realizada por 70 sábios e contém sete livros que não fazem parte da coleção hebraica. Eles não estavam incluídos quando o cânon (ou lista oficial) do Antigo Testamento foi estabelecido por exegetas (eruditos nas línguas originais) israelitas no final do século I d.C.

Esses sete livros são chamados apócrifos, ou seja, são livros não unanimemente aceitos e ocultados por muitos, e encontram-se presentes nas Bíblias de algumas igrejas (por exemplo, a versão católica que utilizamos no presente trabalho possui estes livros).

A partir do século IV, outras traduções começaram a ser realizadas por novos cristãos nas línguas *copta* (Egito), *etíope* (Etiópia), *siriaca* (norte da Palestina) e em *latim*, que era a mais importante de todas as línguas pela sua ampla utilização no Ocidente.

Douglas (1995) diz que, por existirem tantas versões parciais e insatisfatórias em latim, no ano 382 d.C, o bispo de Roma nomeou o grande exegeta Jerônimo para fazer uma tradução oficial das Escrituras.

Sua tradução tornou-se conhecida como Vulgata, ou seja, escrita na língua de pessoas comuns (latim: *vulgus*). Embora não tenha sido imediatamente aceita, tornou-se o texto oficial do cristianismo ocidental. Neste formato, a Bíblia difundiu-se por todas as regiões do Mediterrâneo, alcançando até o Norte da Europa.

Comfort (1998) relata que, na Alemanha, em meados do século 15, um ourives chamado Johannes Gutemberg desenvolveu a arte de fundir tipos metálicos móveis. O primeiro livro de grande porte produzido por sua prensa foi a Bíblia em latim. Cópias impressas decoradas a mão passaram a competir com os mais belos manuscritos.

Esta nova arte foi utilizada para imprimir Bíblias em seis línguas antes de 1500 - alemão, italiano, francês, tcheco, holandês e catalão; e em outras seis línguas até meados do século 16 - espanhol, dinamarquês, inglês, sueco, húngaro, irlandês, polonês e finlandês.

Finalmente as Escrituras realmente podiam ser lidas na língua desses povos. Mas essas traduções ainda estavam vinculadas ao texto em latim. No início do século 16, manuscritos de textos em grego e hebraico, preservados nas igrejas orientais, começaram a chegar à Europa Ocidental.

Comfort (1998) declarou que uma pessoa de grande destaque durante este novo período de estudo e aprendizado foi Erasmo de Roterdã. Ele passou alguns anos atuando como professor na Universidade de Cambridge, Inglaterra.

Em 1516, sua edição do Novo Testamento em grego foi publicada com seu próprio paralelo da tradução em latim. Assim, pela primeira vez, estudiosos da Europa ocidental puderam ter acesso ao Novo Testamento na língua original.

Elwell (1988) diz que várias foram as descobertas arqueológicas que proporcionaram o melhor entendimento das Escrituras Sagradas. Os manuscritos mais antigos que existem de trechos do Antigo Testamento datam de 850 d.C. Existem, porém, partes menores bem mais antigas como o *Papiro Nash* do segundo século da era cristã.

Mas sem dúvida a maior descoberta ocorreu em 1947, quando um pastor beduíno, que buscava uma cabra perdida de seu rebanho, encontrou por acaso os *Manuscritos do Mar Morto*, na região de Jericó.

Para Douglas (1995), esses documentos tiveram grande impacto na visão da Bíblia, pois fornecem espantosa confirmação da fidelidade dos textos que foram sendo copiados posteriormente com esses cuja datação os aproximava muito dos manuscritos originais. O estudo da cerâmica dos jarros e a datação por carbono 14 estabelecem que os documentos foram produzidos entre 168 a.C. e 233 d.C.

As descobertas arqueológicas, como as dos manuscritos do Mar Morto e outras mais recentes, continuam a fornecer novos dados aos tradutores da Bíblia. Elas

têm ajudado a resolver várias questões a respeito de palavras e termos hebraicos e gregos, cujo sentido não era absolutamente claro. Antes disso, os tradutores se baseavam em manuscritos mais "novos", ou seja, em cópias produzidas em datas mais distantes da origem dos textos bíblicos.

1.1 Novo Testamento

Muitos séculos antes de Cristo, escribas, sacerdotes, profetas, reis e poetas do povo hebreu mantiveram registros de sua história e de seu relacionamento com Deus. Stott (1967) afirma que estes registros tinham grande significado e importância em suas vidas e, por isso, foram copiados muitas e muitas vezes e passados de geração em geração.

Com o passar do tempo, esses relatos sagrados foram reunidos em coleções conhecidas por *A Lei*, *Os Profetas* e *As Escrituras*. Esses três grandes conjuntos de livros, em especial o terceiro, não foram finalizados antes do Concílio Judaico de Jamnia, que ocorreu por volta de 95 d.C.

Os primeiros manuscritos do Novo Testamento que chegaram até nós são algumas das cartas do Apóstolo Paulo destinadas a pequenos grupos de pessoas de diversos povoados que acreditavam no Evangelho por ele pregado.

Comfort (1998) diz que a formação desses grupos marca o início da igreja cristã e que segundo a tradição cristã, as cartas de Paulo eram recebidas e preservadas com todo o cuidado. Não tardou para que esses manuscritos fossem solicitados por outras pessoas. Dessa forma, começaram a ser largamente copiados e as cartas de Paulo passaram a ter grande circulação.

A necessidade de ensinar novos convertidos e o desejo de relatar o testemunho dos primeiros discípulos em relação à vida e aos ensinamentos de Cristo resultaram na escrita dos Evangelhos que, na medida em que as igrejas cresciam e se espalhavam, passaram a ser muito solicitados. Comfort (1998) relata que também outras cartas, exortações, sermões e manuscritos cristãos similares também começaram a circular.

O Novo Testamento possui 27 livros que se dividem em quatro grupos: os quatro Evangelhos; o livro de Atos dos Apóstolos; vinte e uma cartas escritas pelos apóstolos e ‘homens apostólicos’; o livro de apocalipse. Essa ordem é lógica mais ou menos cronológica no que tange ao assunto dos documentos; tal ordem não corresponde, porém, à ordem cronológica em que foram escritos, isso segundo Stott (1967).

Além dos livros que compõem o nosso atual Novo Testamento, havia outros que circularam nos primeiros séculos da era cristã, como as Cartas de Clemente, o Evangelho de Pedro, o Pastor de Hermas, e o *Didache* (ou Ensino dos Doze Apóstolos).

Durante muitos anos, embora os evangelhos e as cartas de Paulo fossem aceitos de forma geral, não foi feita nenhuma tentativa de determinar quais dos muitos manuscritos eram realmente autorizados. Douglas (1995) afirma que, gradualmente, o julgamento das igrejas reuniu a coleção das Escrituras que constituíam um relato mais fiel sobre a vida e ensinamentos de Jesus.

Quando Teodósio proclamou (246 – 295) e impôs o cristianismo como única religião oficial no Império Romano no final do século IV surgiu uma demanda nova e mais ampla por boas cópias de livros do Novo Testamento.

É possível que o grande historiador Eusébio de Cesaréia (263 – 340) tenha conseguido demonstrar ao imperador o quanto os livros dos cristãos já estavam danificados e usados, porque o imperador encomendou 50 cópias para as igrejas de Constantinopla.

Assim, no século IV d.C. foi estabelecido entre os concílios das igrejas um acordo comum e o Novo Testamento foi constituído.

Segundo Comfort (1998), muito provavelmente, essa tenha sido a primeira vez que o Antigo e o Novo Testamentos foram apresentados em um único volume, agora denominado Bíblia.

O Novo Testamento foi totalmente escrito em grego *koiné*, forma feminina do adjetivo grego “koinós”, que significa “comum”. Ele resultou do processo de

helenização, ou seja, a disseminação da cultura e língua grega, iniciada por Alexandre, O Grande, da Macedônia, por volta de 330 a.C.

1.2 Evangelhos

Segundo Douglas (1995, p.566-572), a palavra evangelho (em grego, *euangelion*, ‘boas novas’) designava, na literatura clássica, a recompensa dada pela entrega de boas notícias. Sua transferência posterior de significado para as próprias ‘boas novas’ pertence ao Novo Testamento e à literatura cristã do primeiro século da era cristã. Até mesmo na Septuaginta, sua única ocorrência definitiva (2 Sm. 4:10) traz consigo o significado de sua ocorrência clássica.

Elwell (1988) relata que o termo aparece mais de setenta e cinco vezes no Novo Testamento e sugere um sentido, então, tipicamente cristão.

Para Stott (1967), o Evangelho é a mensagem que Deus, em Jesus Cristo, cumpriu suas promessas a Israel, e que o caminho da salvação foi aberto para todos. Ele afirma que o Evangelho não deve ser colocado em contraposição com o Velho Testamento, mas antes, deve ser entendido como cumprimento das promessas do Antigo Testamento.

O emprego do termo ‘evangelhos’ (em grego, a forma plural é *euangelia*) para designar os primeiros quatro livros do Novo Testamento é pós-bíblico (empregado após os eventos descritos nos livros) – depois do séc. II d.C.

Stott (1967) explica que os quatro registros que tradicionalmente aparecem no início da coleção dos livros do Novo Testamento são, propriamente falando, quatro registros de um mesmo. Não foi senão nos meados do segundo século de nossa era que a forma plural começou a ser usada.

Os títulos tradicionais dos quatro registros subentendem que neles encontramos o Evangelho ou boa mensagem acerca de Cristo conforme cada um dos quatro evangelistas. Mas mesmo assim, a forma singular continuou sendo empregada durante muito tempo para designar os quatro livros como um só.

Segundo Comfort (1998), a maior parte do material de nossos quatro evangelhos existiu durante tempo considerável no estágio oral, antes de ter recebido forma escrita, com a qual estamos familiarizados. O começo da escrita dos evangelhos coincide com o fim da primeira geração cristã. Conforme as 'testemunhas oculares' dos feitos de Jesus iam morrendo, tornou-se necessário um registro escrito permanente sobre seus testemunhos.

É justamente nesse ponto histórico que a tradição do segundo século situa os inícios da escrita evangélica. Comfort (1998) relata que como os textos são atribuídos ao seguidores de Jesus que o viram pessoalmente, todos os quatro evangelhos canônicos provavelmente devem ser datados dentro das quatro décadas de 60 a 100 d.C, já que a tradição conta que eles foram martirizados entre esse período. Não precisamos supor que a transmissão do testemunho apostólico foi exclusivamente oral antes de 60 d.C.

Diversas linhas tradicionais podem ser distinguidas nos quatro Evangelhos. Quanto a esse respeito, como também a outros, Douglas (1995) afirma que João se mantém em lugar diferenciado e apartado dos outros evangelhos.

Os outros três estão inter-relacionados – seus textos estão arranjados de forma que suas coincidências e divergências possam ser examinadas. Comfort (1998) destaca dentre eles o de Lucas por ser o mais detalhado de todos os evangelhos. Por conter mais informação sobre Jesus e sobre os relatos relacionados a ele, este foi o livro escolhido para ser o *corpus* do trabalho.

Todos os quatro evangelhos são anônimos no sentido de que nenhum deles inclui o nome de seu autor. Mas os estudos históricos comprovam sua autoria, de acordo com o próprio título de cada evangelho (Mateus, Marcos, Lucas e João).

1.3 Evangelho de Lucas

O Evangelho de Lucas é o terceiro dos quatro Evangelhos canônicos do Novo Testamento. Ele narra a história da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Possui 24 capítulos e embora o texto não mencione o nome de seu autor,

segundo Comfort (1998), os críticos afirmam que este evangelho e os Atos dos Apóstolos foram escritos pelo mesmo autor⁵.

Esse, portanto, seria o Lucas mencionado na Epístola a Filémon (Fl 1: 24), um seguidor de Paulo. Douglas (1995, p. 963) afirma que “as numerosas concordâncias linguísticas e teológicas e referências cruzadas entre o Evangelho de São Lucas e os Atos indicam que ambas obras derivam do mesmo autor”.

Comfort (1998) relata que pelo prólogo do evangelho de Lucas e pelas palavras introdutórias do livro de Atos, bem como pelo conteúdo dessas duas obras, torna-se claro que Lucas escreveu ambos a partir de sua convivência com parte das pessoas envolvidas.

E, para Douglas (1995), o modo pelo qual Lucas apresenta uma narrativa bem sumarizada sobre a história da ascensão de Jesus, no último capítulo de seu evangelho, e, então, no livro de Atos, apresenta um relato mais detalhado e suplementar, pode indicar que quando escreveu o seu evangelho já havia planejado o segundo tratado.

Ao dizer, em At 1: 1-2, que escreveu o “primeiro livro (seu evangelho) [...] relatando todas as coisas que Jesus fez e ensinou, até o dia em que [...] foi elevado às alturas”, Lucas deixou claro que existe uma relação íntima entre a história de seu evangelho com os relatos de Atos.

Para Stott (1967), podemos comprovar pelo texto que a associação do prosseguimento da obra redentora de Jesus por meio de seus apóstolos, em Lucas-Atos, forma, dessa maneira, uma única proclamação de Jesus como Senhor e Salvador.

Nas chamadas seções “nós”, no livro de Atos (16: 10-17; 20: 5; 21: 18; 27: 1-28: 16), inequivocamente, Lucas afirma ser companheiro íntimo de Paulo e

⁵ Atualmente existem diversos estudos sobre a autoria. Devido às limitações dessa dissertação, não é possível tratá-los, mas é importante ressaltar que conhecê-los também seria um recurso importante para o tradutor que deseja se voltar para a AD como instrumento de auxílio na tarefa que se dispõe a fazer.

testemunha ocular dos acontecimentos relatados nessas seções, que narram as façanhas de Paulo em suas viagens missionárias.

Em II Tm 4: 11, Paulo (durante o seu segundo período de aprisionamento em Roma, pouco antes de seu martírio; segundo Douglas [1995], provavelmente em 64 d.C.) escreveu estas comoventes palavras: 'Somente Lucas está comigo'.

Isso sugere que Lucas era, de fato, um íntimo e fiel cooperador de Paulo, permanecendo com ele até sua morte.

A data da redação deste Evangelho é estimada entre cerca de 60 e 130 d.C. Segundo Douglas (1995), os manuscritos mais antigos do Evangelho de Lucas são fragmentos de papiro do século III, um contendo passagens dos quatro evangelhos e três outros preservando apenas breves passagens.

Lucas escreveu seu evangelho depois de Marcos, utilizando-o como uma de suas fontes (isso explicaria a igualdade de muitos versículos), todavia, não há qualquer razão para supor que Lucas tenha escrito longo tempo depois de Marcos.

Lucas esteve em contato íntimo com Marcos (cf. Cl 4: 10-14; Fm 24; At 12: 12,25; 13: 13; 20: 37-41; II Tm 4: 11-13). Dessa forma, é provável que ele tivesse acesso imediato aos escritos de Marcos.

O evangelista não afirma ter sido testemunha ocular da vida de Jesus, mas assegura ter investigado tudo cuidadosamente e ter escrito uma narrativa ordenada dos fatos (Lucas 1: 1-4).

Podemos encontrar logo no começo Lucas fazendo uma declaração no prólogo de seu evangelho (1:1-4) de que fizera um estudo intensivo sobre os acontecimentos relatados a fim de ser capaz de escrever um relato digno de confiança.

O Evangelho é dirigido ao protetor do autor, o "excelentíssimo" Teófilo e uma de suas principais características é a de que foi escrito para o "mundo helênico", ou seja, para os gentios.

Ele escreveu, segundo Douglas (1995), utilizando um grego literário. Seu estilo versátil permitiu que, quando quisesse criar uma atmosfera predominantemente israelita, Lucas pudesse se valer de um estilo narrativo e lexical típico da língua hebraica. Douglas (1995) afirma que sua familiaridade com a Septuaginta o ajudava a adaptar-se ao caráter e ao conteúdo do evangelho também.

Stott (1967) afirma que ele cria em Jesus Cristo como o Salvador do mundo e como o filho de Deus. Portanto, desde o princípio até o fim, Lucas focaliza a atenção sobre Jesus nestas qualidades. Até mesmo antes de Seu nascimento, o anjo, como mensageiro de Deus, ordenou a Maria chamá-lo de Jesus.

Nenhum dos outros evangelhos apresenta tão abrangente história sobre Jesus. Ele nos diz no prólogo que, 'depois de acurada investigação de tudo desde sua origem', resolveu escrever seu evangelho de forma ordenada.

Segundo Douglas (1995), um estudo cuidadoso revela a extensão até onde o relato evangélico foi escrito em forma bem ordenada e compreensiva. A começar pelas histórias dos pais de João Batista, o precursor do Salvador, Lucas descreve o elo íntimo entre o período do Antigo Testamento e do Novo.

A seguir, ele apresenta detalhes referentes ao nascimento de João e de Jesus, além de detalhes essenciais à infância e crescimento até a maturidade. Tendo descrito a obra preparatória de João, em 3: 1-20, ele passa a descrever o batismo de Jesus, e imediatamente a seguir exhibe a árvore genealógica de Jesus. Depois disso, ele narra toda a fase ativa de Jesus, na pregação de sua mensagem e na realização dos feitos miraculosos.

Stott (1967) mostra que, tendo narrado a história de Seus sofrimentos, morte e ressurreição, Lucas conclui o seu evangelho descrevendo como Jesus primeiramente abriu as mentes dos Seus discípulos para que pudessem compreender as Escrituras (24:44-47), e então, tendo-lhes assegurado que Ele lhes enviaria a promessa de Seu Pai, ordenou-lhes que aguardassem até serem revestidos com poder vindo do alto (24: 49). Ao final do livro, Lucas narra ainda

como o vitorioso Redentor retornou ao Pai ao mesmo tempo em que abençoava Seus discípulos (24: 50,51).

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

O presente trabalho visa realizar uma análise e comparação entre a tradução do evangelho de Lucas, na versão protestante da Bíblia *Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida (RA)*, e na tradução católica *Bíblia de Jerusalém (BJ)*, visando encontrar, sob uma perspectiva discursiva, diferenças que remetam a ideologia (doutrina) das respectivas igrejas.

Para isso, utilizaremos uma base teórica formada por duas áreas: teoria da tradução bíblica e Análise do Discurso. A proposta visa trabalhar com os dois textos traduzidos e usar os recursos das teorias para orientar a explicação da manifestação do discurso religioso e não discutir os mecanismos tradutórios a partir da língua de original, o grego.

Quanto à AD, é importante salientar que o presente trabalho utilizará diferentes abordagens de acordo com os dados do *corpus* analítico, sendo assim, é ele quem direcionará a escolha e não o contrário.

Em seguida, conceituaremos alguns dos princípios que regiram as traduções bíblicas usadas na dissertação. Tanto a *Bíblia de Jerusalém* quanto a *Revista e Atualizada* partiram dos mesmos pressupostos.

Após a conceituação das teorias, iremos apontar as falhas que podemos encontrar na teoria de Nida e proporemos a junção de ambas as teorias, ou seja, faremos uma revisão.

2.1 Análise do Discurso

Este trabalho tem como principal base teórica a Análise de Discurso (AD), e utilizaremos a AD de linha francesa adotada no Brasil por alguns teóricos. É necessário nesse momento compreender como surge essa linha teórica.

O estruturalismo foi reinante nas décadas de 1960, apesar das resistências do existencialismo e do marxismo. Na linguística, havia uma aparente unidade em torno das teorias saussureanas. “Do funcionalismo de Martinet às teorias

behavioristas da comunicação, o pensamento de Saussure se estende até o estruturalismo distribucional de Bloomfield” (Pêcheux, 1999, p.10).

O estruturalismo conferiu cientificidade aos estudos da linguagem. Nos anos 60, não se encontrava um linguista que não devesse algo a Saussure, mas nos anos 70, suas obras passaram a ser questionadas, e nos anos 80, houve um “largo consenso anti-saussuriano” (Pêcheux, 1999, p.13).

Michel Pêcheux diz que desde a publicação do *Curso de Linguística Geral* (1919) até os anos 1950, as teorias linguísticas giraram em torno de Saussure, ora filiando-se a ele, ora dela se distanciando.

As mudanças na conjuntura francesa no final dos anos 60 desordenaram o sistema de alianças que existia em torno da linguística (Pêcheux, 1999). A sublevação social repercutiu no campo epistemológico. Os intelectuais passaram a questionar os saberes até então estabelecidos.

A fala, o sujeito, a ideologia, o social, a história, a semântica e outras exclusões operadas por Saussure são trazidas para as discussões linguísticas. A partir de então, surgem quase concomitantemente, várias disciplinas que estilhaçarão a teoria da linguagem.

Estudiosos passam a buscar uma compreensão do fenômeno da linguagem não mais centrado apenas na língua, mas num nível situado fora desse pólo da dicotomia saussureana. E essa instância da linguagem é o discurso. Ela possibilitará operar a ligação necessária entre o nível propriamente lingüístico e o extralingüístico (Brandão, s.d., p. 11-12).

A Análise do Discurso aparece no final dos anos 1960. Michel Pêcheux lança, em 1969, o livro *Análise Automática do Discurso* que, para a maioria dos estudiosos, representa a fundação dessa disciplina.

Inicialmente, podemos afirmar que discurso, tomado como objeto da Análise do Discurso, não é a língua, nem texto, nem a fala, mas que necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material. Com isso, dizemos que discurso

implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente lingüística.

O discurso foi conceituado como a língua posta em funcionamento por sujeitos a que produzem sentidos numa dada sociedade. A complexidade desse fenômeno ia muito além do que a epistemologia tradicional previa. O discurso se inscreve na confluência de três regiões do conhecimento científico.

Para Brandão (s.d., p. 83), o desafio que a AD busca realizar é o de fazer leituras críticas e reflexivas sobre o texto, sem reduzir o discurso a análises de domínios essencialmente lingüísticos e nem em estudos históricos sobre ideologia. Essa é meta que este trabalho se propõe a cumprir ao analisar os textos bíblicos traduzidos.

Segundo Fiorin (2000), essa área do conhecimento é muito recente (um pouco mais de 100 anos). Seus objetivos começaram a ser estabelecidos no início do século XX. Ela conta com diversos teóricos, dentre os quais é essencial a citação de Pêcheux, na França, Bakhtin, na Rússia, e no Brasil, José Luiz Fiorin e Eni Orlandi em mais destaque.

A AD procura investigar a relação entre linguagem, pensamento e mundo. Para ela, a língua tem uma ordem própria, mas só é relativamente autônoma. Assim, essa disciplina difere da Linguística, mas aproveita outras noções dela, como a de que a língua não é transparente (cf. ORLANDI, 2002).

Por isso, a teoria de tradução bíblica deveria considerar essas noções. Veremos no próximo tópico de estudo teórico deste trabalho que ela não considera esses fatores, apesar de ter surgido no início da década e 1940 e perdurar até hoje. Eugene A. Nida, seu principal autor, ainda é vivo e até poucos anos produzia materiais teóricos.

O sujeito está submetido a processos que influenciam a sua atitude perante o mundo. Isso, evidentemente, afeta qualquer texto feito por ele, ou seja, um texto traduzido também carrega marcas da ideologia desse sujeito.

Sabemos que a história tem sua dimensão real afetada pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos). Sabemos também que o sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam (isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia). Sendo assim, as histórias da formação do texto bíblico e de sua tradução para língua portuguesa têm um papel muito importante na reflexão com base na AD.

Diante disso, mais uma vez nos colocamos em uma situação na qual, segundo Orlandi (2002), a manifestação da dimensão discursiva se concretiza no texto, especificamente no caso desse estudo, a veremos na tradução do texto bíblico.

É por isso que devemos ter uma visão adequada do texto. Fávero nos diz sobre ele:

o texto deve ser visto como uma sequência de atos de linguagem (escritos ou falados) e não uma sequência de frases de algum modo coesas. Com isso, entram, na análise geral do texto, tanto as condições gerais dos indivíduos como os contextos institucionais de produção e recepção, uma vez que estes são responsáveis pelos processos de formação de sentidos comprometidos com processos sociais e configurações ideológicas. (2004, p.12)

É importante para esse estudo estabelecermos uma concepção de discurso, para compreendermos a relação ideológica inerente a ele. Orlandi (2002) afirma que, para a AD, em relação à língua, não se trata apenas de uma transmissão de informação, nem há linearidade na disposição dos elementos da comunicação, como se a mensagem resultasse de um processo assim serializado: alguém fala, refere-se a alguma coisa, baseando-se em um código e o receptor capta a mensagem, decodificando-a.

Na realidade, a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa sequência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica etc.

Os sujeitos estão realizando ao mesmo tempo o processo de significado e não estão separados de forma estanque, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação indivíduos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos

um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc.

A linguagem serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores.

Ainda conceituando a noção de discurso, segundo Fiorin (2000), ela não corresponde à noção de fala (esta é a atividade psico-físico-fisiológica individual de atualização do discurso), e não se trata de opô-la à língua como sendo esta um sistema, onde tudo se mantém, com sua natureza social e suas constantes.

O discurso, como a fala, relaciona-se apenas como uma ocorrência casual, individual, realização do sistema, fato histórico, assistemático, com suas variáveis etc.

O discurso tem sua regularidade, tem um funcionamento que é possível apreender se opusermos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto.

Aqui ressaltamos a propósito da ideologia, que os dizeres não são, como afirma Orlandi (2002), apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção.

Considerando o nosso *corpus*, essas marcas podem ser encontradas em diferentes domínios, por exemplo: nas escolhas lexicais, estruturas morfossintáticas, omissões, acréscimos, presença/ausência de comentários e notas de rodapé, natureza dos comentários e notas da equipe de tradução ou outros.

Os sentidos a que nos referimos anteriormente têm a ver com o que é dito em um contexto ou em outros, assim como com o que não é dito e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as 'bordas' do dizer também fazem parte dele, e, portanto, os aspectos da linguagem não estão livres de contexto. É neste ponto que a ideologia exerce seu principal papel. O discurso é exatamente a expressão dela. Dessa forma:

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia. (CITELLI, 2005, p.28)

Assim como uma formação ideológica, ou seja, visão de mundo ou um conjunto de representações que explicam as condições de existência, impõe o que pensar, uma formação discursiva, um conjunto de temas e figuras que materializam uma dada ideologia, determina o que dizer (*cf.* ORLANDI, 2002). Portanto, como as traduções de um texto considerado sagrado não teriam características ideológico-discursivas que remetesse aos grupos sociais em que tais traduções se inserem?

Com efeito, nenhum discurso é um conjunto de idéias que surge do nada ou da mente privilegiada de alguns pensadores, mas sim uma demonstração de uma visão de mundo.

As visões de mundo não se desvinculam da linguagem, porque a ideologia, vista como algo imanente à realidade, é indissociável da linguagem. Podemos comprovar isso ao estudar os domínios lexicais das traduções da Bíblia, manifestados, por exemplo, no vocabulário utilizado.

Para se refletir sobre ideologia na linguagem, há a necessidade inicial de pensá-la sob uma perspectiva ampla, na qual deve ser levado em conta o fato de ser uma instituição social e de funcionar como instrumento intermediário entre os homens.

Como afirma Pêcheux, “Não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (1980).

Para Saussure (1969[1916]), as línguas correspondem, cada uma, a um ‘sistema’, e este é na realidade uma rede de relações, uma espécie de estrutura que se estabelece entre um conjunto de elementos linguísticos.

Essas relações dão um determinado valor a cada componente do sistema e permitem selecionar o elemento apropriado para cada ponto da cadeia da fala, assim como combinar adequadamente esses elementos entre si.

Para Fiorin (1996), inseridos no ‘sistema’, temos o ‘texto’ e o ‘discurso’: o primeiro é a manifestação concreta de um discurso por meio de um plano de expressão, e o segundo é um dos patamares da constituição do significado, em que um enunciador reveste formas abstratas com conteúdos concretos.

Ele ainda defende que é no discurso que se manifestam as coerções ideológicas que incidem sobre a linguagem. Para efeito de análise, adotaremos essa concepção e buscaremos encontrar marcas no discurso que nos levem às doutrinas das comunidades religiosas.

Em outra obra, Fiorin (2000) estabelece que, do ponto de vista da Análise de Discurso, uma ‘formação ideológica’ deve ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de idéias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo.

Na verdade, todas essas noções relacionadas à ideologia, ao discurso e a todas as questões da AD surgiram em meio a questões que deveriam ser situadas em um momento histórico e em um lugar discursivo. Devido ao fato de que o presente trabalho parte dos dados para a teoria e não o contrário, nós nos preocuparemos em apenas elencar os pressupostos que servem de base para nossa análise

Como não existem idéias fora dos quadros da linguagem, entendida no sentido amplo de instrumento de comunicação verbal ou não-verbal, essa visão de mundo não existe desvinculada da linguagem.

Por isso, a formação ideológica corresponde a uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo.

É com essa formação discursiva assimilada que o homem constrói seus discursos, que ele reage linguisticamente aos acontecimentos. Por isso, o discurso é mais o lugar da reprodução que o da criação. Conseqüentemente, o texto bíblico traduzido será o lugar no qual a manifestação dessa reprodução ideológica e discursiva se dará.

Abordaremos, portanto, as traduções levando em conta esses pressupostos da AD. Esse tipo de aproximação com o texto bíblico, utilizando os princípios aqui presentes, vem se desenvolvendo desde a década de 1970. Os pioneiros são J.P. Louw (1999); K. Callow (1999); Stanley E. Porter (1999); Jeffrey T. Reed (1999)⁶. No Brasil, há um grande grupo de pesquisa na UFGM⁷ que há muitos anos vêm desenvolvendo diversas produções na área de tradução bíblica e muitas das obras se valem de alguns dos pressupostos que são encontrados no presente trabalho, há também várias publicações da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística⁸) que se relacionam à área.

Muitos trabalhos na área de tradução da Bíblia também foram desenvolvidos na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Isso gerou um grupo de pesquisa, que sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Benício, teve um grande papel de fomentador nos estudos dessa área da universidade. Dentre eles, um dos trabalhos mais bem

⁶Dentre os autores citados, devido a similaridade de linha de pesquisa, é interessante ressaltar a seguinte obra: PORTER, Stanley E. and Jeffrey T. REED, eds. 1999. *Discourse Analysis and the New Testament: Approaches and Results*. JSNT Supplement Series 170. Studies in New Testament Greek 4. Sheffield: Sheffield Academic Press.

⁷Acesse a página a seguir para obter mais informações: <http://www.ufmg.br/online/arquivos/006462.shtml>.

⁸ Para maiores informações, visite: www.anpoll.org.br.

conceituados foi escrito por Mariú Moreira Madureira Lopes e pode ser encontrado na internet⁹.

2.2 Teoria de tradução

Dentre as obras sobre teoria de tradução publicadas em língua portuguesa, a que se destaca foi escrita pela tradutora Heloísa Barbosa. É importante salientar que os procedimentos propostos por Barbosa (2004) são em praticados pela maior parte dos tradutores, mesmo sem eles saberem que fazem isso. Ela apenas explica a partir de estudos de casos como os mecanismos se ajustam às situações tradutórias.

A autora caracteriza em sua obra os seguintes procedimentos técnicos: tradução palavra-por-palavra; tradução literal; transposição; modulação; omissão e explicitação; compensação; reconstrução dos períodos; melhorias; transferência; explicação (que engloba o estrangeirismo, a transliteração, a aclimatação e a transferência com explicação); decalque e, por fim, adaptação. Nem todos os procedimentos foram utilizados no processo tradutório do presente *corpus* de pesquisa, mas serão devidamente explicitados.

Esses procedimentos serviram como um guia para a análise que realizamos no presente trabalho. De acordo com o tipo utilizado, pudemos verificar a influência ideológica sobre o texto traduzido.

Rónai (1981) já havia trabalhado com esse conceito antes e ele dizia que a tradução palavra-por-palavra é:

(...) a tradução em que determinado segmento textual (palavra, frase, oração) é expresso na TT mantendo-se as mesmas categorias numa mesma ordem sintática, utilizando vocábulos cujo semanticismo (aproximadamente) idêntico ao dos vocábulos correspondentes no TO.

Seu uso é restrito, porém, pois é rara uma convergência tão grande entre as línguas.

⁹ <http://panoramabiblico.blogspot.com/2008/12/sensibilidade-na-traduo-bblica-aspectos.html>.

Segundo Barbosa (2004), a tradução literal corresponde à idéia mais difundida a respeito da tradução. É aquela que “se mantém uma fidelidade semântica estrita, adequando, porém, a morfossintaxe às normas gramaticais do TT”.

Para a autora, a transposição consiste na mudança de categoria gramatical de elementos que constituem o segmento a traduzir. Assim sendo, ela pode ser obrigatória, principalmente quando é imprescindível que a tradução se atenha às normas do TO, e pode ser facultativa quando é realizada por razões de estilo, o que nos leva a refletir sobre as questões de ideologia que envolvem esse processo.

A modulação é a reprodução da mensagem do TO no TT, mas sob um ponto de vista diverso, o que reflete uma diferença no modo como as línguas interpretam a experiência do real.

Tratando a respeito da equivalência, ela diz:

A equivalência consiste em substituir um segmento de texto da língua de origem por outro segmento de texto da língua traduzida que não o traduz literalmente, mas que lhe é funcionalmente equivalente (BARBOSA, 2004, p.67).

Ela contrapõe omissão e explicitação da seguinte maneira: omissão significa omitir elementos do TO que, do ponto de vista do TT, são desnecessários ou excessivamente repetitivos; já a explicitação é o contrário, ou seja, aplicado em versões, é a utilização de elementos, quando se verte, por exemplo, do português para inglês, que não são utilizados na nossa língua e são obrigatórios na língua inglesa.

Ainda explicitando os procedimentos tradutórios que serviram como parâmetro de análise no presente trabalho, é importante falar da compensação. É o deslocamento de um recurso estilístico, ou seja, quando não é possível reproduzir no mesmo ponto, no TT, um recurso estilístico usado no TO, o tradutor pode usar outro, de efeito equivalente, em outro ponto do texto (por exemplo, os trocadilhos).

A reconstrução de períodos é a redivisão ou reagrupamento de períodos e orações do original ao passá-los para o TT. As melhorias consistem em não se

repetirem na tradução os erros de fato ou outros tipos de erro cometidos no TO (veremos que na tradução do presente corpus, esse procedimento foi grandemente utilizado).

Segundo Barbosa (2004), a transferência é a introdução de material textual do TO no TT. Ela pode assumir as seguintes formas:

- a) Estrangeirismos (empréstimo) – consiste em transferir (transcrever ou copiar) para o TT vocábulos ou expressões do TO que se refiram a um conceito, técnica ou objeto que seja desconhecido para os falantes do TT.
- b) Estrangeirismos transliterados (transliteração) – consiste em substituir uma convenção gráfica por outra,
- c) Estrangeirismos aclimatados (aclimatação ou decalque) – é o processo através do qual os empréstimos são adaptados à língua que o toma, ou a tradução literal de sintagmas ou tipos frasais do TO no TT.
- d) Estrangeirismos com explicação de seus significados (transferência com explicação), que podem ser:

- 1) Nota de rodapé, notas ou glossário.

- 2) Diluição do texto

Para finalizar os procedimentos, Barbosa (2004) explica o limite extremo de uma tradução: a adaptação. Ela aplica-se onde a situação toda a que se refere o TO não existe na realidade extralingüística dos falantes do TT. Essa situação pode ser recriada por outra equivalente na realidade extralingüística do TT.

No próximo subcapítulo, veremos como essa teoria é utilizada ou pode ser verificada dentro da teoria de tradução aplicada à Bíblia.

2.3 História da tradução bíblica

Dentro da área relacionada à história da tradução da Bíblia em português, julgamos que este trabalho requer um conhecimento histórico do objeto utilizado para a pesquisa.

Nossos primeiros levantamentos nessa direção indicam que a primeira Bíblia protestante, em português, foi publicada em 1719 por João Ferreira de Almeida. Elwell (1994) nos relata que aos 14 anos, em 1642, Almeida aceitou a fé evangélica, na Igreja Reformada Holandesa. Em 1644, aos 16 anos, Almeida iniciou uma tradução do espanhol e latim para o português, dos Evangelhos e dos Atos dos Apóstolos.

No ano de 1645, a tradução de todo o Novo Testamento foi concluída; mas somente seria editada em 1681, em Amsterdã.

Em janeiro de 1649, Almeida é escolhido como diácono e membro do presbitério. Nessa função tinha a responsabilidade de administrar o fundo social, que prestava assistência aos pobres. Durante os dois anos em que desenvolveu essa função, continuou a sua obra de tradução do Novo Testamento.

Em março de 1651, foi para a atual Indonésia, ainda como capelão. Ele visitava os doentes, mas simultaneamente, desenvolvia seus estudos de Teologia e revisava o Novo Testamento.

A partir de 1658, e durante três anos, Almeida desenvolveu o seu ministério na cidade de Colombo e enfrentou problemas com o governo, o qual tentou, sem sucesso, impedi-lo de pregar em português. O motivo dessa medida estava provavelmente relacionado com as firmes e fortes idéias anticatólicas do jovem pastor.

Segundo Elwell (1994), em 1676, após ter dedicado vários anos ao aprendizado do grego e do hebraico e se aperfeiçoado no holandês, Almeida comunicou ao presbitério que a tradução do Novo Testamento estava pronta.

Em 1677, um novo ministro é chamado do Ceilão, para a Batávia, para caminhar ao lado de Almeida e futuramente substituí-lo. Seu nome é Jacobus op den Akker.

Em 1681, a primeira edição do Novo Testamento de Almeida finalmente saiu da gráfica e no ano seguinte, em 1682, chegou à Batávia. Devido à saúde abalada, foi permitido a João Ferreira de Almeida que dedicasse menos horas ao seu

trabalho na igreja. Com isso entregou-se ainda mais à tradução do Antigo Testamento, trabalho que já tinha iniciado anos antes.

Faleceu em 1691. O término de sua obra prosseguiu através do seu colega de ministério, o pastor Jacobus op den Akker.

Elwell (1988) diz que os mais antigos registros de tradução de trechos da Bíblia católica para o português são bem mais antigos do que as versões protestantes. Eles são datados entre 1279 e 1325, sendo D. Diniz o pioneiro na tradução do texto bíblico.

Seu sucessor, D. João I (traduziu o texto bíblico entre 1385 e 1433), atribuiu a tradução a padres letrados, e o trabalho prosseguiu com seu sucessor, D. João II.

Antônio Pereira de Figueiredo, nascido em Portugal em 1725, concluiu a tradução desta Bíblia que foi editada em 1819. Baseou sua tradução na Vulgata (por não dominar outros idiomas) e incluiu nesse trabalho os livros apócrifos. Essa Bíblia foi muito utilizada em países de língua portuguesa.

Wrosz (1995) relata que Matos Soares publicou uma tradução em 1930, fundamentada também na Vulgata Latina e incluiu novamente os livros apócrifos. Sua tradução contou também com comentários defendendo os dogmas da Igreja Católica. Por isso, recebeu o apoio papal, tornando-se a tradução mais popular da Igreja Católica junto à tradução dos Monges Beneditinos de Maredsous, feita em 1958 a partir de uma tradução francesa alicerçada nos originais (latinos, gregos, hebraicos e aramaicos).

No mundo protestante, no início do século vinte, em 1917, foi publicada no Brasil uma tradução bastante literal e erudita que teve a colaboração de Rui Barbosa. Ela ficou conhecida como Versão Brasileira e, algumas décadas depois, deixou de ser publicada.

No contexto católico, a partir da década de 1940, apareceram as primeiras versões traduzidas a partir das línguas originais. Isso porque em 1943 o papa Pio XII emitiu a célebre encíclica estimulando os católicos a lerem e a estudarem a

Bíblia. Ao mesmo tempo, ele recomendou que fossem traduzidas dos 'originais' (Cf. COMFORT, 1998, p. 326).

Em 1966 foi publicada a conhecida Bíblia de Jerusalém - BJ - (tradução feita a partir dos originais, mas comentários traduzidos do francês). Ela é repleta de notas técnicas preparadas por eruditos católicos.

A BJ é a edição brasileira de uma versão francesa chamada *La Bible de Jerusalém*. Segundo Comfort (1998, p.326), a edição francesa foi o “apogeu das décadas de pesquisa e cultura bíblica”, e:

“(...) as ajudas para estudo bíblico constituem uma parte intrincada nesta versão, porque é crença da liderança da Igreja Católica que as pessoas leigas devam receber ajuda interpretativa em suas leituras do texto sagrado”.

Essa última afirmação nos mostra claramente a influência que a comunidade religiosa exerce sobre o texto bíblico. As diretrizes formuladas tanto para a tradução quanto para os acréscimos colocados na Bíblia delinham a formação ideológica dos produtores. Esta versão católica da Bíblia é a que utilizaremos para a pesquisa deste trabalho.

Após ter sido revisada e republicada em 2002, ela passa a obedecer ao documento da Igreja Católica Romana publicado em 2001: *Liturgiam Authenticam*. Ele estabelece um método padronizado e uniforme, mas sem levar em conta os diferentes estratos linguísticos encontrados em cada língua.

A comissão *Vox Clara*, na tentativa de solucionar esse problema, está buscando definir “um estilo que esteja em conformidade com o espírito e as disposições específicas da Instrução *Liturgiam Authenticam*”¹⁰.

A partir da década de setenta, novas traduções da Bíblia foram publicadas no mundo de fala portuguesa. O novo cenário religioso e cultural provocou o surgimento de uma série de versões não literais e fundamentadas na pesquisa exegética e linguística mais recente.

¹⁰ Comunicado à imprensa, Comissão Vox Clara, Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, 21 de novembro de 2003. www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents

Segundo Sayão, em 1982 é publicada a Bíblia Vozes (católica), versão de linguagem contemporânea, mas elaborada com base na exegese.

Mais tarde, surgiram a versão católica Bíblia Pastoral (1990), de linguagem mais popular e claramente afinada com a Teologia da Libertação, e a também católica Tradução Ecumênica (1997), a mais rica versão em notas críticas e linguísticas disponível em língua portuguesa.

No lado protestante, foi publicada a Bíblia na Linguagem de Hoje (BLH), pela Sociedade Bíblica do Brasil em 1988, marcada por sua linguagem popular e por uma filosofia de tradução mais flexível, mas fundamentada na exegese. A BLH passou por uma ampla revisão, originando a Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH), lançada no final do ano 2000.

Segundo Sayão (2001), mais recentemente, a clássica tradução de Almeida recebeu várias revisões, dando origem a várias versões similares: Almeida Revista e Corrigida (última revisão em 1995) e Almeida Revista e Atualizada (última revisão em 1993) pela Sociedade Bíblica do Brasil; Corrigida Fiel (1994), publicada pela Sociedade Bíblica Trinitariana e a Versão Revisada (1967), publicada pela Imprensa Bíblica Brasileira (ligada à Convenção Batista Brasileira).

Segundo Sayão (2001), uma outra tradução que tem um perfil muito claro quanto à sua proposta é a *Bíblia Pastoral*. Essa tradução está nitidamente vinculada à Teologia da Libertação. O vocabulário utilizado, algumas notas específicas e os títulos que encabeçam os trechos do texto bíblico confirmam esse posicionamento teológico.

Finalmente, deve ser mencionado que a *Versão Revista e Corrigida*, publicada pela Imprensa Bíblica, foi feita para uso exclusivo dos batistas, e sua tradução também é marcada pelas doutrinas da denominação. Ainda que seja uma versão respeitável, trata-se de um texto produzido dentro do contexto das igrejas batistas.

É interessante notar também que as traduções bíblicas variam com respeito à sua perspectiva teológica. Sayão (2001) diz que algumas são protestantes, mas não são evangélicas, ou seja, os tradutores dessas traduções têm um

posicionamento teológico específico, porém não necessariamente relacionado a traços doutrinários julgados essenciais pelos grupos que compõem a “comunidade protestante”.

É nesse momento que a AD se faz um instrumento muito útil para a análise dos textos, já que ela nos dá os recursos para compreender as posicionamentos teológicos inseridos no discurso de cada texto traduzido.

Para Sayão (2001), no caso das traduções disponíveis em língua portuguesa, a BLH (*Bíblia na Linguagem de Hoje*) e NTLH (*Nova Tradução na Linguagem de Hoje*) são consideradas as mais flexíveis quanto à incorporação de determinadas doutrinas ao seu paradigma teológico, isto é, na definição de sua ideologia, enquanto a *Versão Corrigida Trinitariana* é mais conservadora.

Esses exemplos mostram que a formação ideológica dos grupos citados e seus princípios dogmáticos se manifestaram em suas respectivas traduções da Bíblia, assim:

“(...) o discurso religioso realiza tarefa *sui generis* enquanto mecanismo de comunicação, pois, se os demais discursos autoritários-persuasivos podem vir a revelar a voz do sujeito falante, nele resta apenas a noção de dogma (CITELLI, 2005, p.61)”.

Isso também é observado no contexto católico-romano.

Destaca-se, hoje em dia, a NVI (*Nova Versão Internacional*), uma versão protestante, não-denominacional e que representa uma visão teológica consensual entre os cristãos evangélicos.

Para Sayão (2001), ela não é carismática, pentecostal ou anticarismática; não é nem calvinista ou arminiana, não é nem batista, presbiteriana ou assembleiana. Essa tradução declara como sua intenção não favorecer nenhuma perspectiva denominacional ou linha teológica específica.

2.4 Teoria de tradução bíblica

Quanto às Teorias de Tradução ao redor do mundo, elas estavam na sua infância nas décadas de 1950 e 1960 e tiveram um grande avanço através da nova disciplina: a teoria de tradução bíblica.

Um dos pioneiros da teoria de tradução bíblica, cujo ponto de vista será o que norteará essencialmente a nossa análise, é Eugene A. Nida, linguista norte-americano, especializado em traduções da Bíblia.

Nida é especialista do *Summer Institute of Linguistics*, o ramo acadêmico da *Wycliffe Foundation*, uma organização evangélica dedicada a traduzir a Bíblia para todas as línguas do mundo.

Ele enfatiza a possibilidade de traduzir a Bíblia para cada língua do mundo. O conteúdo da mensagem recebe destaque em relação à forma que ele assume:

A tradução consiste em reproduzir na língua receptora o mais próximo equivalente natural da mensagem da língua-fonte, primeiro em termos da significação e segundo em termos de estilo. (NIDA, 1974, p.12)

Nida enfatiza a importância de transmitir a mensagem; portanto, o público-alvo é sempre o fator essencial. Sua teoria é dividida em dois grupos essenciais: a equivalência formal, a reprodução da estrutura da língua-fonte, e a equivalência dinâmica ou funcional. Nela é a fidelidade à intenção do autor e não a fidelidade à estrutura que é reproduzida.

Ela enfatiza a clareza, a naturalidade e a exatidão do conteúdo na língua de chegada. O público alvo para o qual a tradução se destina deve ser estudado com afinco, pois só assim será possível se decidir a natureza da tradução, o formato e a mídia que nos quais ela será produzida, por exemplo: formal ou dinâmica, literária ou litúrgica.

Partindo desses pressupostos, é importante salientar que este trabalho não quer avaliar a “fidelidade” das traduções, mas sim tem como objetivo avaliar as suas formas de manifestar as ideologias de cada grupo.

A escolha de Nida como pressuposto teórico de nossa análise foi feita pela ênfase dada ao conteúdo da mensagem.

A falha primordial na teoria de Nida ocorre durante o processo tradutório. As formações ideológicas e discursivas relacionadas ao tradutor deveriam ser

consideradas, mas não. Na verdade, isso acarretará em um resultado que não alcance todos os objetivos propostos pela própria teoria utilizada na tradução.

O tradutor deve ter em mente a expressão de sua linguagem sempre trará consigo marcas discursivas e ideológicas. Portanto, deveríamos realizar uma reflexão sobre todos os processos envolvidos em uma tradução, principalmente quando tratamos com textos sensíveis.

A sua teoria de tradução e a influência do *Summer Institute of Linguistics* atingiram o processo de tradução e revisão dos textos utilizados no presente trabalho.

Na introdução da BJ, os editores nos deixam alguns dos princípios tradutórios utilizados em sua confecção:

Nesta edição, esforçamo-nos para reduzir a diversidade de traduções que certos termos recebiam ou expressões idênticas do original recebiam por vezes nas edições precedentes. Todavia, levamos em conta a amplitude de sentido de certos termos hebraicos ou gregos, para os quais nem sempre é possível encontrar um equivalente único em português. Também levamos em conta as exigências do contexto, sem esquecer que uma tradução servil e demasiadamente literal frequentemente pode ser imperfeita na reprodução do sentido real de uma frase ou de uma expressão. Entretanto, os termos técnicos cujo sentido é unívoco são sempre traduzidos pelo mesmo equivalente em português. Quando necessário preferimos a fidelidade ao texto a uma qualidade literária que não refletiria a do original. (EDITORES, 2002, p.13)

Com as afirmações acima, percebemos o quanto a concepção de que o conteúdo é prioritário em relação à forma que está muito difundida no mundo da tradução bíblica.

Segundo Mitchel (2000), no princípio do século XXI, grandes mudanças têm afetado a tarefa de se traduzir a Bíblia. Os fatores responsáveis por isso são: globalização; mudanças linguísticas; desaparecimento e morte de idiomas; urbanização; mudança demográfica; povos da Diáspora; Hibridização e palimpsesto; entre outros.

Como já dito antes, houve um grande crescimento e avanço nas teorias de tradução, isso devido à tentativa de suprir as novas necessidades que aparecem,

juntamente surgiram teorias abrangentes no campo de estudos bíblicos, todas com grande relevância para a tradução.

Mas percebemos também, ao longo de nossa pesquisa, que há uma desconsideração em relação às teorias de linguagem que discutem o discurso e a ideologia. O número encontrado de trabalhos acadêmicos é muito pequeno se comparado com o número de traduções ocorrendo no momento. Isso também é válido se pensarmos nas traduções bíblicas.

Ogden (2003) organiza as áreas de desenvolvimento da seguinte maneira: texto (estudos canônicos); textura (estudos sócio-retóricos); contexto (ambiente sociocultural); pretexto (ideologia, hermenêutica da suspeita).

A tradução da Bíblia não ocorre no vácuo, portanto, não há apenas fatores sociais, mas também desenvolvimentos em estudos bíblicos, na linguística e nas ciências sociais que proporcionam compreensão da comunicação humana. Por esta razão procuramos abranger as áreas que são explicitadas ao longo do trabalho.

Optamos por adotar uma concepção de linguagem ligada à Análise do Discurso. Portanto, a tradução deveria refletir sobre as coerções ideológicas envolvidas no trabalho tradutório.

Considerando a teoria de linguagem utilizada neste trabalho, constatamos que é de grande importância não esquecer a relevância da discussão teórica conjunta de todos os processos explícitos ou não em um texto traduzido, principalmente bíblico (texto sensível) e que visa deixar o conteúdo o mais intacto possível.

A seguir, iremos delinear os pressupostos da teoria de Nida explicitados anteriormente.

2.5 Equivalência Formal vs Equivalência Dinâmica

Tendo como base sua grande experiência como tradutor bíblico pela *United Bible Associates* (que até 1968 já havia traduzido a Bíblia para mais de 1390 línguas), Nida (1964) se dedicou a escrever sobre a teoria e a prática de tradução.

Para isso, ele fundamentou sua teoria a partir dos teóricos da gramática de base gerativo-transformacional e, como Chomsky, passa a considerar a língua como um “mecanismo dinâmico capaz de gerar uma série infinita de enunciados diversos” (cf. NIDA, 1964).

Ele afirma que esta visão gerativa da língua é fundamental para o tradutor, pois ao traduzir de uma língua para outra, ele deve ir além da simples comparação das estruturas entre as duas línguas.

Segundo Nida (1964) o tradutor deve também procurar descrever os mecanismos pelos quais a mensagem total emitida por um texto é decodificada, transferida e transformada nas estruturas de outra língua.

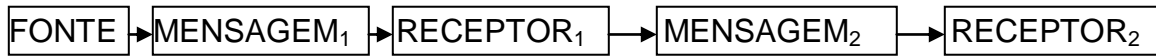
Nida vê a língua como um “código comunicativo” e procura estabelecer a natureza do significado (justificando isso através da semântica e da pragmática).

Também as funções de linguagem de Jakobson são usadas por Nida (1964) para determinar, em sua análise após o processo tradutório, quais funções estão presentes na TO (texto origem) e se estão presentes no TT (texto traduzido).

Dessa visão da linguagem resulta, segundo Nida (1964), o primeiro “modelo operacional” da tradução. Ele caracteriza seu modelo da seguinte maneira: nele, ocorre a redução do texto original a seus núcleos mais simples e semanticamente evidentes; transferência do significado do TO para o TT em níveis estruturalmente simples; e por último, a geração de uma expressão estilística e semanticamente equivalente à tradução.

Para Nida (1964), o tradutor realmente competente traduz “unidades” de significado, não se preocupando com reproduzir “unidades estruturais”. É nesse ponto que o estudo das ideologias deveria ser centralizado. Mas existem alguns problemas na teoria desse autor. Eles serão trabalhados mais para frente.

Utilizando ainda essa visão da língua já explicitada, ele volta-se para a teoria da comunicação, na qual o tradutor e o leitor do texto traduzido são considerados elementos importantes em um ato comunicativo, como no exemplo abaixo:



No gráfico: FONTE é o autor do TO; MENSAGEM₁ é o TO; RECEPTOR₁ é o tradutor; MENSAGEM₂ é o TT; e, RECEPTOR₂ é o leitor do TT.

Um questionamento deve ser ressaltado aqui. Se o papel do tradutor é tão importante, porque Nida não considera a influência ideológica que ele exerce sobre o texto? Nenhum ato de linguagem está isento de marcas sócio-culturais.

É neste ponto que a conjunção das teorias de tradução com a teoria da Análise do Discurso deveria ocorrer. Deve haver uma reflexão teórica sobre o papel discursivo e ideológico do sujeito diante de qualquer tipo de texto.

Retomando o gráfico, ainda podemos concluir que Nida (1964) vê a produção de mensagens equivalentes (a MENSAGEM₁ e a MENSAGEM₂ não são iguais, mas equivalentes) como um processo não apenas de encontrar equivalentes para os enunciados, mas de reprodução do caráter dinâmico global da comunicação.

Portanto, para que uma tradução possa ser efetuada, Nida acredita que três fatores essenciais devem ser avaliados: a natureza da mensagem; o objetivo do autor e do tradutor; o tipo de público visado pelo original e pela tradução.

Assim sendo, para Nida (1964), o que se deve buscar no texto traduzido é a maior equivalência possível entre a MENSAGEM₁ e a MENSAGEM₂, mas considerando que existem dois tipos fundamentais de equivalência: a *formal* e a *dinâmica*.

A primeira é centrada no conteúdo e na forma da MENSAGEM₁, do texto original (portanto, neste tipo de tradução a preocupação está em manter a correspondência estilística, a correspondência de frase para frase e de conceito para conceito entre o TO e o TT). Dessa forma, o texto traduzido precisa corresponder o mais possível aos diversos elementos linguísticos e extralinguísticos contidos no original.

Neste ponto, a AD ajudaria muito o tradutor. Ele poderia utilizar seus pressupostos para reconhecer os elementos sócio-culturais e ideológicos contidos

também no texto original e, portanto, ter mais meios de alcançar o objetivo de manter o conteúdo da mensagem o mais próximo possível do TO.

Já a segunda tem como alvo a naturalidade plena na MENSAGEM₂. A equivalência dinâmica tenta transpor o TO no TT de modo que o leitor encontre no produto final modos de comportamento e outros elementos extralinguísticos importantes em sua própria cultura – sem preocupação com a compreensão dos padrões culturais do contexto do TO que são necessários para a plena compreensão da MENSAGEM₁.

Segundo esse modelo de Nida (1964), o texto traduzido deve buscar o “efeito equivalente”, ou seja, o texto traduzido teria sobre seu leitor o mesmo efeito que teve sobre o leitor do TO.

Considerando a base de reflexão sobre historicidade, discurso e ideologia, a AD exerceria junto à prática de tradução baseada na equivalência dinâmica um papel fundamental. Conciliando ambas as teorias, o tradutor poderia muito mais habilmente reconhecer e captar elementos linguísticos e extralinguísticos que contribuiriam durante o processo tradutório.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após o aprofundamento nas bases teóricas utilizadas no presente trabalho, percebemos que o desenvolvimento de um trabalho em conjunto entre essas áreas é muito recente e pequeno.

O envolvimento acadêmico na tradução bíblica ainda está em desenvolvimento e não faz uso das novas teorias de linguagem e comunicação.

Quanto às teorias de tradução bíblica já desenvolvidas, elas não utilizam a AD como um pressuposto teórico. Apesar de Nida (1964) considerar o papel do receptor na tradução bíblica, sua teoria nem ao menos menciona a influência ideológica durante o processo de tradução.

Essa falta de preocupação quanto ao papel discursivo, de manipulação ideológica que o texto possui, colabora ainda mais para uma “má tradução” - considerando uma ‘boa tradução’ como aquela que busca os princípios estabelecidos por Nida (1964): clareza, naturalidade e exatidão no TT.

Segundo Arrojo (1997, p.19), Nida compartilha com outros teóricos de tradução uma visão tradicional que parte de uma teoria da linguagem que autoriza a possibilidade de determinar e delimitar o significado de uma palavra, ou mesmo de um texto, fora do contexto em que é lida ou ouvida, ou seja, o tradutor torna-se “invisível” no processo tradutório e busca a totalidade do TO.

Sabemos que isso é ilusão, pois, como já citamos Pêcheux, todo ato de linguagem possui uma ideologia. Assim, o tradutor é um instrumento que perpassa essas marcas sócio-culturais e não um indivíduo que retira de si toda característica ideológica no ato de tradução, sendo isso impossível.

Arrojo (1997) caracteriza a teoria de Nida através da comparação das palavras de uma sentença a uma fileira de vagões de carga. A carga pode ser distribuída entre os diferentes vagões de forma irregular. Assim, um vagão poderá conter muita carga e outros não. Sugere, portanto, que algumas palavras carregam vários significados e outras nem tantos.

Para Nida, o importante não é como os vagões estão distribuídos, mas, sim, que todos cheguem ao destino, o fundamental é que todos os componentes significativos do TO alcancem a língua-alvo, de tal forma que possam ser usados pelos receptores.

Se considerarmos o processo de tradução como transporte de significados entre TO e TT, acreditamos ser o TO um texto estável (sem ideologia a ser considerada), “transportável”, de contornos claros e objetivos. Seria possível ter o controle sobre todo o processo (sobre o TO, o TT, a ideologia de ambos e a do tradutor, etc.).

Essa visão também torna o tradutor um “robô mecânico” que meramente passa as palavras do TO para o TT, ele não deve interferir na “carga” e sim ‘interpretá-la’. Traduzir não pode ser simplesmente essa transferência estável, de significados de uma língua para outra.

A figura apresentada por Arrojo (1997, p.23) para solucionar esse problema é a do *palimpsesto*. É o texto que se apaga, em cada comunidade cultural e em cada época, para dar lugar a outra escritura (ou interpretação, ou leitura, ou tradução) do mesmo texto.

A tradução, como a leitura, deixa de ser, portanto algo realizado com a idéia de proteção de “significados originais” de um autor, e assume o papel de produtora de significados.

A partir do momento em que se toma consciência disso, é necessário que se discutam as características inerentes a qualquer produção de linguagem. É nesse momento que deve ocorrer a inclusão e o uso das teorias do discurso, de manipulação (persuasão), etc.

As teorias de tradução bíblica deveriam também considerar esses aspectos. Já que:

(...) todo leitor não poderá evitar que seu contato com os textos (e com a própria realidade) seja mediado por suas circunstâncias, suas concepções, seu contexto histórico e social (ARROJO, 1997, p. 38).

Baseando-se no esquema utilizado no capítulo do presente trabalho referente à teoria de Nida, todo tradutor é, primeiramente, um leitor. Portanto, ele está submetido a uma rede sócio-histórica que delineará sua leitura do TO bíblico.

Outros autores também criticam essa desconsideração existente na teoria da tradução. Por exemplo, Susan M. Digiacomio (2004) que é etnógrafa afirma:

The notion of the neutral translator as an unseen conduit for pure meaning recalls the image of the objective ethnographer carefully expunging all traces of his or her presence from the text in order to represent 'pure' Otherness... yet in terms the reader may easily grasp. In translation as in ethnography, the boundary that separates the familiarization of the strange from the erasure of alterity is perilously thin. Issues of representation, agency, subjectivity and power are highlighted by making explicit the position of both translators and ethnographers.¹¹

Assim, realizar uma junção da AD com a teoria de tradução bíblica colaborará no desvendamento dos mecanismos ideológicos.

3.1 Conciliando as teorias

A teoria de tradução bíblica de Eugene Nida é de grande importância para o tratamento com o texto sagrado. Entretanto, ela pode ser aprimorada e amplamente utilizada em junção com as noções da AD.

Por exemplo, as relações dialógicas e a noção de sujeito, quando correlacionadas e aplicadas juntamente com a teoria de Nida, demonstrarão que o tradutor nunca será neutro em suas escolhas lexicais, na utilização de seus pressupostos tradutórios, na composição de sua tradução, etc., portanto, ele deverá analisar todo seu processo tradutório para que seu produto final alcance a qualidade que é o pilar fundamental na teoria nídiana – clareza, naturalidade e exatidão.

¹¹ Tradução livre: A noção de um tradutor neutro como um canal imperceptível para significado puro lembra a imagem de um(a) etnógrafo(a) objetivo(a) apagando todos os traços de sua presença no texto para representar “pura” diversidade... Ainda, em parte, o leitor pode facilmente perceber. Na tradução, assim como na etnografia, a fronteira que separa a familiarização do estranho da supressão da alteridade é perigosamente tênue. Controvérsias de representação, função, subjetividade e poder são destacadas ao tornarmos explícitas as posições de ambos, tradutores e etnógrafos.

Se o sujeito-tradutor não considerar todos os domínios ideológicos contidos em sua produção linguística, como o TT reproduzirá o equivalente natural da língua-fonte, tanto em significação quanto em estilo?

Ele deve perceber e conhecer, através de análise minuciosa, tanto os mecanismos coercivos e argumentativos que ele utiliza, consciente ou não, e aqueles que se encontram também no TO.

Desvendado esse processo que está muitas vezes implícito no texto, a mensagem alcançará eficazmente seu objetivo, e, como a própria teoria de NIDA diz, a fidelidade à intenção do autor será alcançada.

Nida (1964) afirma que o tradutor deve procurar descrever os processos pelos quais a tradução é “decodificada, transferida e transformada” para outra língua. Se considerarmos o intuito da AD, perceberemos que a junção das teorias resultará em uma análise sobre o TT, TO e o processo tradutório, que trará à tona todos esses mecanismos que a teoria de Nida almeja desvendar. Portanto, os pressupostos explicitados e delineados pela AD são de grande relevância para o analista-tradutor.

Para Nida (1964), existem, pelo menos, dois fatores essenciais que devem ser observados antes da realização de uma tradução: o objetivo do autor e do tradutor; o tipo de público visado pelo original e pelo texto traduzido. A AD pode contribuir grandemente neste ponto, partindo do fato de que ela trabalha com as marcas implícitas do texto, a AD trabalhará hermeneuticamente para descobrir os objetivos do TO e TT, assim, por exemplo, saberemos se os objetivos foram alcançados (TT) ou reproduzidos (TO), também perceberemos se o texto traduzido delineou-se de acordo com o público proposto antes de seu início.

Se aplicássemos, também, os princípios da equivalência formal e dinâmica em comunhão com a AD, poderíamos fazer levantamentos dos domínios sócio-culturais presentes no TO e na língua-alvo e, realizaríamos uma análise do que é estritamente necessário para a compreensão do TO e aplicaríamos as

equivalências de forma que o leitor do TT tenha a mesma reação/resposta que o leitor do TO teve ao ter acesso a ele.

A noção de discurso é essencial para o tradutor, principalmente o que lida com textos sensíveis, já que ele parte do pressuposto de que está lidando com um texto sagrado, e que merece um tratamento especial.

Considerando o discurso como uma ocorrência casual e histórica, é muito importante conhecermos as relações que regem os sistemas encontrados no TO e no TT, pois as formações discursivas determinarão o que é dito/traduzido no texto.

Nenhum texto é livre disso, as visões de mundo se vinculam diretamente à linguagem e, o “bom tradutor”, ou pelo menos aquele que alcançará *a priori* seu objetivo primordial, é aquele que consegue perceber essas relações e lidar com elas de forma que seu texto surta o mesmo efeito que o TO.

É também no domínio discursivo que se manifestam as coerções que incidem sobre a linguagem. Como, então, um tradutor não sabe aplicar e observar essas noções? É por isso que a junção das teorias é válida.

O tradutor bíblico deve se aprofundar nos conceitos e aspectos tradutórios delineados por Eugene Nida, mas deve também reconhecer a relevância dos pressupostos teóricos estabelecidos pela AD.

3.2 Contrapondo as traduções bíblicas

Iremos demonstrar através de excertos do *corpus*, como o processo ideológico já explicitado em nosso referencial teórico se manifesta nos textos bíblicos traduzidos selecionados.

Podemos depreender a formação ideológica nos comentários, títulos, escolhas lexicais do tradutor e na forma como o texto é apresentado. Devido à grande quantidade de referências a serem utilizadas, escolhemos apenas algumas para efeito de análise. No caso de títulos:

	Versículo	Bíblia de Jerusalém	Revista e Atualizada
1	1.46	Magnificat	O cântico de Maria
2	1.67	O Benedictus	O cântico de Zacarias
3	8.19	Os verdadeiros parentes de Jesus	A família de Jesus
4	9.22	Primeiro anúncio da Paixão	Omissão
5	9.57	Exigências da vocação apostólica	Jesus põe a prova os que queriam segui-lo
6	11.1	O pai-nosso	A oração dominical
7	22.19	Instituição da Eucaristia	A Ceia do Senhor
8	24.36	Jesus aparece aos apóstolos	Jesus aparece aos discípulos

Nos exemplos 1 e 2, encontramos marcas da influência latina que a BJ teve durante o processo de tradução. A Igreja Católica Romana considera a Vulgata Latina como uma ferramenta imprescindível ao se realizar uma tradução.

Há também uma discussão corrente no meio teológico em relação à inspiração divina ou não da tradução bíblica. Segundo DREYER (s.d.) a Vulgata recebe essa “autoridade divina” dentro do meio católico. Os títulos em latim são os mesmos da tradução latina. Essa constante referência e em alguns casos o uso direto da Vulgata pode também ser vista nos comentários. Por exemplo:

Página e versículo	Comentário
p.1790 Lc 2:14	d) A tradução corrente “Paz aos homens de boa vontade”, baseada na Vulg. , não reproduz o sentido usual do termo grego. – Outro modo de ler, menos seguro: “paz na terra e benevolência divina entre os homens”.
p.1809 Lc 11:4	c) (...) O sentido permissivo do verbo aramaico, usado por Jesus, “deixar entrar” e “não fazer entrar”, não foi traduzido pelo grego e pela

	Vulgata. Desde os primeiros séculos, muitos mss latinos trocavam <i>Ne nos inducas</i> por <i>Ne nos patiaris induci</i> .
--	---

No caso da comunidade protestante, ela utiliza a Vulgata como uma ferramenta histórica que pode auxiliar o processo de tradução. Ela não é considerada como inspirada por Deus. É, portanto, apenas uma tradução do texto propriamente inspirado. Podemos encontrar na RA comentários que remetem ao texto latino:

Versículo	Comentário
1.46	<i>Engrandece.</i> Donde vem o nome deste cântico de Maria, o Magnificat, (46-55) da versão latina.
1.68	O cântico de Zacarias é conhecido como o “Benedictus”, da palavra introdutória do latim.

Retomando a análise dos títulos, nos ateremos agora ao número 3. Ele se refere à discussão teológica a respeito da possibilidade ou não de Jesus ter tido uma família humana (irmãos e irmãs biológicas).

O grande debate que surge entre as duas comunidades aqui utilizadas se dá pela “imaculação” de Maria. Teria Maria gerado outros filhos após o nascimento de Jesus? A comunidade protestante acredita que Jesus teve irmãos de sangue, portanto, após o nascimento dele (sendo Maria ainda virgem), ela teria copulado e tido outros filhos.

A visão teológica da igreja católica é a de que Maria permaneceu imaculada até sua morte, ou seja, nunca teve relações sexuais com José. Nós podemos perceber através dos títulos a visão adotada pelos protestantes e pelos católicos. O uso de “família” pelos protestantes e de “verdadeiros parentes” pelos católicos marca isso.

Assim, exemplificamos o fato de que a formação ideológica irá posicionar o tradutor em sua interpretação do texto original e em seu respectivo texto traduzido. Observemos, então, os comentários da Bíblia protestante que se referem aos textos bíblicos que tratam sobre esse assunto:

Versículo	Comentário
2.52	Esta descrição afirma a perfeita humanidade de Jesus. <i>Crescia</i> . Passou pelos estágios de desenvolvimento, sendo sempre perfeito para a Sua idade. Viveu numa família de vários filhos ¹² . É provável que José morreu quando Jesus ainda era moço, deixando sobre ele a responsabilidade de sustentar a família como carpinteiro (Mc 6.3).
8.19-21	<i>Irmãos</i> . Eles eram irmãos tão reais como Maria realmente era a mãe de Jesus ; por outro lado, a nova relação espiritual pela fé atuante tem maior valor que qualquer parentesco humano. Por isso os crentes se denominam “irmãos”.

Nesses trechos, vemos, claramente, a posição doutrinária e teológica referente à respectiva comunidade religiosa que produziu o texto. Portanto, nós pudemos depreender a partir do texto as marcas ideológicas que nos levam a esses posicionamentos.

Podemos trabalhar, a partir do exemplo 4, diversas características que nos levam às formações discursivas das comunidades. O uso do vocábulo “paixão” na tradução católica remete a “Doutrina da Paixão”. Essa doutrina também existe na comunidade protestante, mas com algumas diferenças. Para o presente trabalho, a diferença terminológica é a mais relevante. Os protestantes utilizam o termo “expição” ao se referirem a ela.

O título é omitido no texto traduzido protestante. Neste ponto, é essencial enfatizarmos que a titulação é posterior à escrita dos textos originais. Ela é criada pelos tradutores, como ferramenta didática. Da mesma forma, a numeração dos versículos e capítulos. Esse processo é bem posterior à canonização dos textos e é frequentemente alterado de acordo com a necessidade ou desejo dos tradutores.

A palavra “Paixão” aparece capitulada. O processo de capitulação durante a tradução também é criado de acordo com os tradutores. Os textos originais não possuem capitulação.

¹² O uso do negrito é para enfatizar o que está sendo proposto na análise, ou seja, não faz parte do excerto original.

Isso nos leva a concluir que também podemos encontrar através das capitulações as marcas ideológicas das comunidades. Exemplo:

Versículo	Bíblia de Jerusalém	Revista e Atualizada
8.1	Depois disso, ele andava por cidades e povoados, pregando e anunciando a Boa Nova do Reino de Deus. Os Doze o acompanhavam.	Aconteceu, depois disto, que andava Jesus de cidade em cidade e de aldeia em aldeia, pregando e anunciando o evangelho do reino de Deus, e os doze iam com ele.

Ao utilizar a capitulação do termo “Doze” todas as vezes que ele aparece fazendo referência aos apóstolos e, Onze após o suicídio de Judas, o tradutor da Bíblia católica explicita sua doutrina em relação aos apóstolos e sua sucessão apostólica papal.

A Igreja Católica tornou esses discípulos em “santos” e seus membros, ao falarem sobre eles, devem ter reverência e veneração. Assim diz Pe. Vicente em sua publicação *Respostas da Bíblia* (1995). Isso explica a capitulação. Já o texto traduzido protestante não faz a capitulação, pois tem uma base doutrinária diferente. Para ela, os apóstolos são pessoas como nós e a santificação referida na Bíblia é para todos os que aceitam a fé cristã. Todo crente é considerado um santo.

Os vocábulos “Boa Nova” e “Reino” também são capitulados. Eles foram utilizados dessa maneira para colaborar didaticamente. Segundo Pe. Vicente, muitos termos são utilizados dessa forma para facilitar a leitura do fiel.

Observe o quadro e veja todas as palavras que aparecem em diversos textos capituladas:

Bíblia de Jerusalém	Revista e Atualizada
Palavra, Anjo, Santuário, Astro das alturas, Templo, Boa Nova, Reino. Doze, Sabedoria, Onze, Eleito, Dia,	JESUS, Juízo, ESTE É O REI DOS JUDEUS.

Inimigo, Providência, Anjos, Dinheiro, Profetas, Céu, Tesouro do Templo, Benfeitores, Calvário, Paraíso, Alto, Nova Aliança.	
--	--

Diversas dessas palavras são utilizadas com a capitulação devido às doutrinas das respectivas comunidades. Devido ao fato de o objetivo deste trabalho ser apenas demonstrar que essas relações ideológicas existem, nos ateremos somente à explicação que já foi dada anteriormente.

Ainda quanto aos títulos, o exemplo 5 deve ser explicado. A Igreja Católica Romana prega que somente as pessoas vocacionadas ou com autorização da Igreja poderiam fazer proselitismo religioso, ou seja, os leigos não devem fazê-lo. Já a doutrina protestante é de que todo crente deve pregar sua fé. Podemos perceber isso nesse título.

Os títulos 6 e 7 nos mostram a terminologia específica de cada uma das comunidades. Enquanto os católicos utilizam os termos “pai-nosso” e “Eucaristia” para esses ritos, os protestantes usam “oração dominical” e “Ceia do Senhor”.

Essa terminologia aparece em outros livros das respectivas traduções, mas nos manteremos ao *corpus* aqui escolhido, que é o evangelho de Lucas. O termo “Eucaristia” aparece diversas vezes nos comentários da BJ. Exemplo:

Página e versículo	Comentário
P.1827 Lc 22:15	f) (...) Lc parece ter concebido esses discursos à luz das primitivas assembléias eucarísticas .
P.1827 Lc 22:16	g) Cumprir-se-á de maneira inicial pela instituição da Eucaristia , centro da vida espiritual do Reino fundado por Jesus, porém de maneira total, e sem véus, no fim dos tempos.
P.1827 Lc 22:17	h) (...) para por em paralelo o rito da páscoa judaica e o rito da Eucaristia cristã.
P.1833 Lc 24:35	f) Ao empregar aqui o termo técnico que retomará nos Atos (at 2,42+). Lc pensa sem dúvida na eucaristia .

O título exemplo 8 diferencia a concepção que cada comunidade tem a respeito do apostolado. “Apóstolo” significa no grego: “enviado”. Para os católicos, a partir da escolha dos doze, eles se tornaram apóstolos. Os protestantes dizem que o apostolado se concretizou após a ordem que Jesus deu a seus seguidores antes de sua ascensão.

Analisando especificamente os comentários das duas Bíblias, nós pudemos encontrar diversas marcas doutrinárias, ou seja, a ideologia das respectivas comunidades religiosas. Na BJ:

Página e versículo	Comentário
P.1813 Lc 13:1	d) Episódio de outra maneira desconhecido, bem como o acidente mencionado no v.4. O ensinamento é claro: os ouvintes de Jesus mereceram por seus próprios pecados uma sorte semelhante, isto é, sofrerão certamente se não fizeram penitência .
P.1828 Lc 22: 32	e) Essa palavra confere a Pedro, em relação aos outros apóstolos, um papel de direção na fé. Seu primado no próprio seio do colégio apostólico afirma-se aqui mais claramente do que em Mt 16,17-19, onde poderia passar simplesmente por porta-voz e representante dos Doze. Ver também Jo 21,15-17, onde os “cordeiros” e as “ovelhas” que ele deve apascentar parecem incluir “estes”, seus companheiros apostólicos, os quais ele supera no amor.

Ressalta-se, no primeiro exemplo, o termo “penitência”. Ele é usado somente pelos católicos e corresponde, em partes, à doutrina do arrependimento, no caso protestante. Essa doutrina é composta de três partes: reconhecimento do pecado, confissão ao padre e obras que demonstram o arrependimento. O pecador deve cumprir as ordenanças estabelecidas pelo padre para receber, então, o perdão dos pecados.

Quanto aos protestantes, a doutrina do arrependimento pressupõe o reconhecimento do pecado, a confissão somente a Deus e o abandono do pecado.

O segundo exemplo remete à doutrina sobre o Papa. A Igreja Católica prega que Pedro recebeu de Jesus a liderança da Igreja Universal e essa autoridade teria sido transferida de papa para papa até os dias de hoje. Essa nota explicativa defende justamente isso.

Os protestantes acreditam que Pedro não foi um papa, e que essa autoridade teria sido dada à Igreja como um todo.

Também podemos encontrar constantemente marcas doutrinárias na RA. Exemplo:

	Versículo	Comentário
1	1.4	<i>Plena certeza.</i> A única base para a fé cristã encontra-se nos fatos acontecidos e revelados a nós na Bíblia.
2	16.31	A parábola ensina a obstinação da incredulidade e a impossibilidade do homem se salvar rejeitando a Bíblia.
3	1.28	<i>Favorecida.</i> Não “cheia de graça” para poder conceder mérito a outros, mas “favorecida”, porque Deus estava com ela.
4	1.35	(...) A resposta de Maria está certa: “Eis a escrava (gr <i>doulê</i>) do Senhor”.
5	1:47	<i>Meu salvador.</i> Esta frase confirma que Maria era pecadora.
6	1:48	Humildade, é uma referência à posição humilde que ela ocupava na sociedade (cf 1 Sm 1.11). <i>Bem-aventurada.</i> Gr <i>makariosin</i> , reconhecer felicidade. Isabel fez uma felicitação a Maria (42), porém é pecaminoso o louvor dado a Maria, pois este pertence somente a Deus (cf 11.27,28).
7	11.28	<i>Bem-aventurados.</i> Maior que o privilégio de ser mãe de Jesus e compartilhar da Sua humanidade é atender à Sua mensagem salvadora e gozar o privilégio de participar do Seu corpo espiritual (Tg 1.22ss).
8	3.3	<i>Batismo de arrependimento.</i> O batismo é o sinal público de mudança interna. O arrependimento precede o batismo, que o sela e relembra futuras obrigações.
9	7.47	<i>Perdoados... muito amou.</i> A doutrina católica romana afirma que o tributo de amor merece o perdão (<i>contrito caritate forata</i>). Mas é ao contrário – a parábola ensina que reconhecer o perdão é que produz o amor. Não foi o amor que salvou a mulher, mas a sua fé (50).

10	8.24,25	(...) N. Hom. 8.25 Onde está a vossa Fé?: 1) Se estiver numa criação humana (no barco-religião), com certeza afundará; [A Igreja Católica Romana afirma que é a salvação está nela] 2) Se estiver em trabalhos árduos (obras meritórias), podeis saber que as forças contrárias são maiores; [O Espiritismo e diversas religiões orientais pregam a salvação através das obras] 3) Se for em Cristo, tereis a bonança (Ef 2: 8,9).
11	16.25	Tormentos. O inferno é um lugar de sofrimento, de onde é visto o que jamais se gozará (v 23), de onde os condenados se lembrarão do passado com saudade insaciável e remorso (v 25), de sede sem alívio (v 24) e de condenação irrevogável (v 26). Jesus elimina, assim, a possibilidade de existência do purgatório ou de salvação após a morte.
12	22.36,38	(...) O papa Bonifácio VIII (1302 d.C.) assinou sua bula <i>Unam Sanctum</i> , que afirma que a Igreja tem pleno direito divino de exercer os dois poderes (material e espiritual) fundamentado sobre esta passagem. Quando os discípulos revelam que têm duas espadas, Jesus diz <i>bastá</i> , para indicar que o sentido das suas palavras era figurado.
13	23.33	Calvário. Um outeiro que parecia uma caveira. Não pode ser localizado com certeza. A Igreja primitiva não se interessava por “lugares Santos”.

Os excertos 1 e 2 referem-se à doutrina básica da Reforma, a Bíblia é a única base para doutrinação e para a vida cristã. Isso é um princípio protestante. A Igreja Católica crê que a tradição equipara-se à Bíblia. Portanto, suas doutrinas são formadas a partir de dois princípios: Tradição e Bíblia.

Do 3 ao 7, a Bíblia RA trata a respeito de sua base ideológica em relação a Maria. Ela é tão humana e igual a qualquer outro cristão. Ela não pode intermediar nada em relação a Deus, pois já morreu e não possui esses méritos. Para o cristianismo protestante, Jesus e, somente Ele, pode fazer isso. No comentário do versículo 48, existe uma crítica contra a doutrina católica de veneração a Maria. Pois para os protestantes, prestar o louvor que é dado a ela, seria o mesmo que idolatria.

Para o catolicismo isso é muito diferente. Maria tem méritos conciliatórios. Ela poderia ser um elo entre Deus e os homens.

O exemplo número 8 trata a respeito do batismo de crianças, prática vigente em muitas igrejas protestantes, mas predominantemente na Igreja Católica. A

visão teológica exposta pelo autor das notas é de que o batismo é um símbolo próprio àqueles que querem expor sua fé publicamente. Portanto, isso não poderia ser feito por uma criança, que não tem consciência da salvação. Esse posicionamento é o mais comum no meio evangélico.

Os exemplos 9, 11, 12, 13 foram colocados para que se perceba como o texto pode ser manipulador. Estes trechos são comentários críticos em relação a doutrinas católicas. O primeiro é contra a *contrito caritate forata*, que é uma doutrina católica que diz que o amor pode gerar o perdão de pecados. O segundo é contra a doutrina do purgatório. O terceiro é contra a bula papal *Unam Sanctum* que diz que a Igreja tem direito ao poder espiritual e material aqui na Terra. E, por último, temos uma nota que declara que não concordar com a “santificação” de lugares, fazendo referência às igrejas católicas instaladas em Jerusalém em todos os lugares em que possivelmente Jesus esteve.

O excerto 10 é uma base para pregação. A respeito deste trecho homilético, nós podemos tecer pelo menos dois comentários. Ao se referir “barco-religião”, ele quer dizer colocar sua fé na religião. Isso é uma pressuposição católica, pois ela afirma que a salvação está nela.

O segundo ponto trata a respeito de colocar sua fé nas obras, isso é um conceito espírita e muito usado em diversas religiões orientais que pregam a salvação através das obras. Ele critica esses dois grandes segmentos religiosos e demonstra que a fé e a salvação devem estar somente em Jesus Cristo. Essa é a visão protestante.

Devemos refletir sobre o poder argumentativo e de fé que esses comentários geram nas pessoas. Sempre tendo em mente que o texto tratado no presente trabalho é o bíblico e, portanto, sensível.

Podemos também encontrar elementos que remetam às doutrinas no texto propriamente dito, por exemplo:

Versículo	Bíblia de Jerusalém	Revista e Atualizada
1.48	porque olhou para a humilhação de sua serva. Sim! Doravante as gerações todas me chamarão de bem-aventurada,	porque contemplou na humildade da sua serva. Pois, desde agora, todas as gerações me considerarão bem-aventurada,

A utilização dos termos “chamar” e “considerar” remete à ideologia de cada comunidade. Para a Igreja Católica Romana, Maria tem um papel de destaque. Eles consideram Maria como uma intercessora junto a Deus e sua veneração é constante e marcante em todas as doutrinas católicas. Por isso, as gerações que viriam depois de sua morte a chamariam de “bem-aventurada”. Esse uso também faz referência à reza: “Ave Maria”, na qual os fiéis chamam e invocam Maria dessa forma.

Para os protestantes, Maria foi uma mulher especial somente no sentido de que se dispôs a cumprir a vontade de Deus. Ela é tão santa como qualquer outro crente. E teve o privilégio de ser a mãe terrena de Jesus.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nós percebemos, através da análise realizada, que a ideologia está presente na tradução e na composição do texto bíblico traduzido. Isso é válido tanto para a comunidade protestante quanto para a católica.

Os textos traduzidos contêm marcas nas escolhas lexicais utilizadas pelos tradutores, nas estruturas morfossintáticas criadas para que a tradução do TO fosse adequada à língua-alvo, nas omissões e acréscimos, nos títulos, nos comentários e notas de rodapé contidos nas respectivas Bíblias.

Os títulos demonstram claramente os posicionamentos teológicos das respectivas igrejas em relação a diversos temas. Nós pudemos observar isso quanto ao uso da Vulgata latina, da questão da “família” de Jesus, do uso de termos como Paixão x morte e ressurreição, pai-nosso e oração dominical, Eucaristia x Ceia do Senhor.

O aspecto ideológico está presente no fato de que os títulos são inseridos no texto pelo grupo de tradutores e não fazem parte dos textos considerados originais. Assim, quando a comunidade católica adota a Vulgata Latina como um texto que tem o mesmo valor que o texto dito inspirado e usa seus títulos com a atribuição de valor inspiratório, isso é uma decisão teológica e doutrinária da parte católica, ou seja, a ideologia católica de que a Vulgata Latina é inspirada aparece no texto traduzido por intermédio dos títulos.

Nós também podemos demonstrar através dos títulos o aspecto terminológico respectivo a cada comunidade religiosa adotada no presente trabalho. Por exemplo, aparece nos títulos católicos o termo “Eucaristia” e nos títulos protestantes o termo “Ceia do Senhor”. Há uma diferenciação teológica entre os termos, apesar de serem utilizados nos mesmos lugares. Para a comunidade católica, o termo remete a doutrina da “transubstanciação”, que diz que, de fato, no momento do recebimento dos elementos da comunhão, o pão e o vinho se transformam no corpo e sangue de Jesus. Já para os protestantes, a doutrina diz que o momento é simbólico, portanto, não há uma transformação dos elementos.

Novamente, essas escolhas são ideológicas. O grupo de tradutores ao inserir os títulos adota os termos que dizem respeito aos seus respectivos posicionamentos teológicos sobre esse tema.

Como citado anteriormente, o aspecto lexical é muito evidente nos títulos. Ele também aparece no uso dos termos “Paixão x Morte e ressurreição” e “Pai-nosso e Oração dominical”. Os tradutores católicos e protestantes adotaram esses termos para demarcar os posicionamentos teológicos de cada comunidade religiosa.

Os comentários também nos revelaram o posicionamento teológico em relação a vários assuntos, por exemplo. a crença de que Jesus tinha irmãos (visão protestante). Esse posicionamento ideológico aparece claramente nos comentários como foi mostrado e discutido no capítulo anterior. Há uma apologética nos comentários em relação a ele que mostra crença da comunidade religiosa. Essa manifestação ideológica não ocorre a respeito desse tema no texto traduzido católico, mas o posicionamento dessa comunidade é de que Jesus não teve irmãos, porque Maria se manteve virgem pelo resto de sua vida. Essa doutrina católica, conhecida por mariologia, aparece nos comentários da BJ como demonstrado no capítulo anterior.

Existem diversos comentários sobre a questão da Ceia do Senhor (visão protestante) e a Eucaristia (visão católica), ou o arrependimento (termo usado pelo protestantismo) e a penitência (termo utilizado pelo catolicismo) que remetem a ideologia que essas comunidades têm a respeito desses temas.

Através da capitulação dos termos no texto traduzido, o que não faz parte do texto original, também pudemos encontrar marcas que nos levaram até os posicionamentos teológicos das respectivas comunidades.

Por último, vimos anteriormente que as escolhas lexicais presentes nos versículos também demonstram a ideologia de cada grupo. A diferenciação feita nas traduções entre “chamar” e “considerar” demonstrou a perspectiva de cada comunidade em relação a Maria. Enquanto que uma tem a ideologia de que Maria

seria literalmente “chamada”, ou seja, invocada através da reza Ave Maria ou de outras rezas, sendo a comunidade que possui essa doutrina a católica, a outra comunidade, a protestante, diz que Maria seria “considerada” pelos séculos como uma mulher exemplar e que merece respeito. A devoção a Maria ou não, diferença básica entre as comunidades protestantes e católicas, está ideologicamente marcada e presente nesse texto.

É essencial retomar a concepção de sujeito-tradutor que a teoria de tradução bíblica concebe. Ela não é adequada e isso foi provado em nossa análise. O tradutor, como vimos na análise, assume para si, consciente ou inconscientemente, as marcas sócio-discursivas da comunidade da qual ele faz parte.

De fato, a concepção tradicional de que o sujeito é neutro e que possui liberdade de escolhas é uma ilusão. A formação discursiva pertencente à comunidade religiosa, na verdade, “dita” ou “rege” uma espécie de pré-tradução do texto sagrado e o TT é um reflexo, uma imagem do grupo que encomendou a tradução.

As marcas encontradas em nossa análise demonstram que a tradição, os valores, doutrinas e posicionamentos teológicos influenciaram e direcionaram a tradução do texto bíblico. As características textuais, ideológicas e discursivas criam um ambiente de manipulação e argumentação. Através delas, a comunidade expressa sua perspectiva e visão de mundo.

Portanto, como dito antes, o texto traduzido é como um “espelho” que reflete as formações que delinham e caracterizam os grupos, tanto o católico quanto o protestante.

Assim, a noção de liberdade no ato tradutório é inexistente, e todos os esforços realizados para se apagar o sujeito-tradutor não é eficaz. Todo ato de linguagem manifesta em si uma ideologia. Até as decisões e escolhas mais “inocentes” carregam e manifestam essa marca social.

Quanto às considerações finais, nós realizamos uma vasta pesquisa de dados e bibliográfica e, a partir dela, conseguimos desenvolver a teoria necessária para realizarmos nossa análise de *corpus*.

Utilizando a teoria de tradução de Nida e a corrente francesa de Análise do Discurso, desenvolvida no Brasil pelos teóricos Fiorin e Brandão. Analisamos as escolhas lexicais e estruturas morfossintáticas utilizadas pelo tradutor, suas omissões e acréscimos, comentários e notas de rodapé.

Pudemos observar em nossa pesquisa que, de fato, as interferências de doutrinas religiosas se manifestam nas traduções realizadas pelas respectivas comunidades religiosas, sendo que a maior parte das interferências ocorrem nos comentários, notas de rodapé, na terminologia teológica adotada pelo tradutor e utilizada como opção lexical em seu texto traduzido e nos títulos (estes como já dito, foram criados pelos tradutores).

Este trabalho não tem como abranger todos os domínios linguísticos e teológicos tão necessários para a total compreensão do que nos propusemos a realizar. Nós escolhemos apenas duas traduções bíblicas, se tivéssemos selecionado outros textos ou traduções, os resultados poderiam ter sido diferentes ou mais profundos e claros.

Seria importante trabalhar ainda diversos outros domínios em nossa análise e em nosso referencial teórico. Por causa do caráter de dissertação de mestrado, eles não puderam ser abordados. Um aprofundamento de todos os conceitos teóricos, tradutórios, linguísticos colaboraria para um resultado mais satisfatório.

Encerro aqui com uma citação que delinea o objetivo deste projeto, que é o de trazer à luz a realidade linguística e ideológica que todo ato de linguagem traz em si:

Mas devemos defender-nos de toda palavra, toda linguagem que nos desfigure o mundo, que nos separe das criaturas humanas, que nos afaste das raízes de vida. *Érico Veríssimo*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1997.
- BARBOSA, Heloisa Gonçalves *Procedimentos técnicos de tradução: uma nova proposta*. São Paulo: Pontes, 2004.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise de Discurso*. 7. ed. São Paulo, Unicamp, [s.d.].
- BÍBLIA SAGRADA – BÍBLIA DE JERUSALÉM*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 1966.
- BÍBLIA SAGRADA – REVISTA E ATUALIZADA NO BRASIL*. 2. ed Barueri: SBB, 1993.
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 2001.
- CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 16. ed. São Paulo, Ática, 2005.
- COMFORT, Philip Wesley. *A origem da Bíblia*. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.
- DOUGLAS, J. D. *O novo dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova: 1995.
- DREYER, F. C. H.; WELLER, Ernest. *A Bíblia e o Catolicismo Romano*. Rio de Janeiro: Evangélica.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ELWELL, Walter A. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1988.
- ENGLER, Steven. "Discourse," In:Kocku von Stuckrad (org.) *The Brill Dictionary of Religion*. Lein: Brill, 2005. Vol. 1: 516-519.
- ENGLER, Steven; BASSNETT, Susan; BRINGHURST, Robert; DIGIACOMO, SUSAN M. Consider Translation: a Roundtable Discussion. In: *Religious Studies Review*. Calgary: 30/2&3, 2004, p.107-120.
- FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. 10. ed. São Paulo, Ática, 2004.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 6.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. *Linguagem e ideologia*. 7.ed. São Paulo: Ática, 2000.

GOHN, C. Pesquisas em torno de textos sensíveis: os textos sagrados. In: PAGANO, A. (Org.) *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte, FALE-UFMG, 2001.

INFOBRASIL; *Denominações*; Recuperado em 23 de abril de 2007; <http://www.infobrasil.org/brasil/denomin.html>

LOPES, Mariú Madureira. *A sensibilidade na tradução bíblica: aspectos linguísticos e socioculturais*. São Paulo, dissertação de mestrado no programa de pós-graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2007.

MELO, Édino. *100 respostas bíblicas para a Congregação Cristã*. São Paulo: Transcultural, [s.d.].

MITCHEL, William. Robert G. Bratcher: Notes on the Life and Work of a Modern Translator. In: *Omanson: xv-xxvii*, 2000.

NIDA, Eugene A. *Toward a science of translating: with special reference to principles and procedures involved in Bible translating*. Leiden: E.J. Brill, 1964.

_____ e TABER, Charles R. *The theory and practice of translation*. Leiden: E. J. Brill, 1982.

_____. Translating a text with a long and sensitive tradition. In: SIMMS, Karl, ed. *Translating sensitive texts: linguistic aspects*. 1. ed. Amsterdam, Atlanta, GA, 1997.

OLIVETTI, Odayr. *A Idolatria Desmascarada*. São Paulo: PES, [s.d.].

ORLANDI, Eni Puccin. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 4.ed. São Paulo: Pontes, 2002.

OGDEN, Graham. Biblical Studies and Bible Translation. In: *Wilt*. 2003, p. 153-178.

- OTTO, Rudolf. *O sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1992.
- PÊCHEUX, M. “Lire L’archive aujourd’hui”. In: *Archives et Documents*, trad. bras. “Ler o Arquivo Hoje”, In: *Gestos de Leitura*, E. Orlandi (org.). Campinas: Editora da Unicamp, 1980.
- PÊCHEUX, M. *Lês Vérités de la Palice*. Paris: Maspero, 1975. [Trad. bras. *Semântica e Discurso*, E. Orlandi et alii, Editora da Unicamp].
- PORTER, Stanley E.; REED, Jeffrey T.; *Discourse Analysis and the New Testament: Approaches and Results*. JSNT Supplement Series 170. Studies in New Testament Greek 4. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999.
- RÓNAI, Paulo. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- _____. *Escola de tradutores*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- SAYÃO, Luiz Alberto Teixeira. *NVI: a Bíblia do século 21*. 2.ed. São Paulo: Vida, 2001.
- STOTT, John. *Entenda a Bíblia*. 2.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. WALKER, Williston. *História da Igreja Cristã*. São Paulo: ASTE, 1967.
- VATICAN; *Documents*; Recuperado em 23 de abril de 2007; www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20010507_comunicato-stampa_po.html
- VATICAN; *Documents*; Recuperado em 23 de abril de 2007; www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents
- WROSZ, Vincente. *Respostas da Bíblia: às acusações dos “crentes” contra a Igreja Católica*. 18 ed. Rio Grande do Sul: Pe. Reus, 1995.
- [s/ autor]. *Evangelho segundo Lucas*; Recuperado em 27 de março de 2007. 16h20. http://pt.wikipedia.org/wiki/Evangelho_segundo_Lucas
- [s/ autor]. *Novo Testamento interlinear grego-português*. São Paulo: SBB, 2004.
- [s/ autor]. Grupo de pesquisa: *Em outras palavras: crônica dos estudos de tradução bíblica na Universidade Presbiteriana Mackenzie*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2007.